

O OBSERVADOR

Valter da Rosa Borges

O OBSERVADOR

Recife  
2009

Copyright © 2009, Valter da Rosa Borges

Capa e projeto gráfico-editorial:  
Maria da Salete Rêgo Barros Melo

---

B732o      Borges, Valter da Rosa, 1934–  
                  O observador / Valter da Rosa  
                  Borges. Recife: Ed. do Autor, 2009.  
                  141p.

1. MÁXIMAS BRASILEIRAS –  
PERNAMBUCO. I. Título.

CDU 869.0(81)-84  
CDD B869.8

---

Novoestilo Edições do Autor  
Rua Sérgio Magalhães, 54 – Graças – Recife-PE  
Fones: 81 32433927 | 91088727  
[www.novoestiloeditora.com.br](http://www.novoestiloeditora.com.br)  
[salete.novoestilo@bol.com.br](mailto:salete.novoestilo@bol.com.br)

Cada um de nós é uma testemunha única e insubstituível da realidade.

Hoje, grande parte do que existe no mundo foi feito pelo homem. Mas são coisas que só servem a ele, não à natureza.

Quanto mais uma sociedade cresce, menor se torna o valor do indivíduo. Cada vez mais anônimo, ele se torna socialmente invisível.

A ambição é um desejo exagerado. Só por isso é prejudicial.

A ambição é um sentimento que causa sempre polêmica entre as pessoas: umas, o repudiam, outras, o prestigiam.

A vaidade só é benéfica quando consiste no prazer que sentimos em saber fazer, com competência, aquilo que nos agrada.

O prazer sensorial é o tempero da vida. Mas, é preciso moderação para não nos tornar seu escravo.

A fé é uma forma de esperança. A esperança é uma paciência duradoura.

Muitos sofrimentos são decorrentes da incapacidade de certas pessoas em lidar com elas mesmas e com as circunstâncias do existir.

Explicável pelas mais diversas causas, a mediocridade está presente na maioria populacional de cada país, pouco importando o seu grau de desenvolvimento cultural, científico e tecnológico. O progresso apenas beneficia materialmente as pessoas medíocres, que permanecem satisfeitas com as condições em que vivem e não desenvolvem, por isso, o sentido crítico sobre o que acontece ao seu redor e no mundo.

Há medíocres que se vangloriam de sua prudência, rejeitando os riscos e louvando a excelência da segurança. A aventura, seja de que natureza for, é sempre, para eles, um risco desnecessário, mesmo que importe em progresso pessoal ou coletivo.

Por mais informados que sejam, por mais conhecimentos que tenham, os medíocres não se

curam de sua mediocridade. Essa dispepsia mental os impede de assimilar o que conhecem.

Não há superioridade que não desperte a inveja dos medíocres. É o preço que certas pessoas pagam por sua superioridade.

O tédio surge quando tudo que fazemos não tem significado.

Façamos do tempo disponível um observatório para testemunharmos o espetáculo da vida. O tempo não usado é o fermento do tédio.

Não há nada maior do que o vazio. Coisas e seres bóiam no vazio e são constituídos de um vazio interior. Meditar é mergulhar no vazio de todas as coisas.

Há ocasiões em que sentimos uma intensa necessidade de dormir, fazendo do sono uma experiência transitória do nada. A morte pode ser a conquista definitiva do nada.

Por que temer o nada? Ele é o término de todos os medos e de todas as aflições. No nada, nada dói.

Paradoxalmente, a experiência transitória do nada é a consciência da não-existência.

A realidade do cotidiano não nos basta. O mito é uma forma de realidade alternativa, que surge da necessidade de expansão do nosso existir.

A realidade é segundo a percepção de cada espécie de seres vivos. Parece-nos, pois, sem sentido a especulação sobre a realidade em si.

Parece-me um lastimável equívoco acreditar-se que há um só nível da realidade.

O paradoxo é o modo deliberado de não sermos os mesmos.

O paradoxo aterroriza as pessoas que são irredutivelmente racionais.

A religião é uma necessidade do ser humano que se manifesta com intensidade por ocasião das desgraças individuais e coletivas. É um analgésico no sofrimento e um fósforo aceso da escuridão.

Um autêntico ateu não deve preocupar-se com as pessoas que acreditam em Deus. Nem demonstrar interesse em convencê-las do contrário, pois o ateísmo verdadeiro não é uma religião profana à procura de adeptos. Por que deveria o ateu tentar salvar as pessoas da perigosa ilusão da existência de

Deus? Se ele assim proceder, estará fazendo de sua crença uma missão salvacionista.

Termos idéias é inevitável. O perigo é sermos escravos delas.

Nada é mais pernicioso ao ser humano do que a preguiça de pensar.

Como seria o mundo se não houvesse religiões?

Se tanta coisa ruim acontece no mundo povoado de religiões que, inclusive se digladiam entre si, sendo origem de muitas guerras, o que seria do ser humano se elas não existissem?

Seria ainda pior?

Aumentariam os conflitos interpessoais e a guerra entre os países?

A vida se tornaria insuportável, levando a humanidade ao caos, com o aumento descontrolado da criminalidade, tornando gradativamente inviável a vida em sociedade?

A ciência e a tecnologia seriam unicamente utilizadas para a destruição inevitável da raça humana, porque, sem religião, o ser humano é necessariamente perverso e pervertido?

São as religiões que garantem o progresso e o bem-estar da sociedade, embora tenham sido



impotentes para diminuir a crescente onda de violência e atrocidades, que avassala o mundo inteiro?

Sem religião, desapareceriam os pacificadores, substituídos por líderes tirânicos e sanguinários, lutando entre si pela conquista do mundo?

Sem religião, inexistiriam os ideais de justiça e solidariedade entre as pessoas e os povos?

O respeito e o amor entre pais e filhos?

A confiança entre os amigos?

A convivência pacífica entre as pessoas?

Ninguém se comoveria pela morte e sofrimento dos outros?

Ninguém se abalaria em ajudar as pessoas e as comunidades atingidas por epidemias e catástrofes da natureza?

É por que temos uma religião que ajudamos os outros em suas necessidades?

É por causa da religião que os não-religiosos e ateus ainda não dominaram o mundo, levando-o à sua destruição?

Se muitos religiosos têm a fraqueza de praticar os mais diversos crimes, alguns de extrema barbaridade, imagine-se o aumento da maldade em nível mundial se crescesse perigosamente o número de não-religiosos e ateus, passando a ocupar os mais importantes cargos em todos os campos da atividade humana! Por isso, é compreensível que os potentados religiosos tenham perseguido, torturado e matado os não-religiosos e ateus, que tiveram a ousadia de contestar os dogmas da religião. Se assim não procedessem, imbuídos de tão elevado senso de

justiça, essa epidemia de pessoas perversas e pervertidas se espalharia pelo mundo, contaminando todos os povos, e ameaçando antecipar o Apocalipse. Assim, graças ao consolo anestésico da religião, vivemos sofrendo esperançosamente no melhor dos mundos possíveis.

Não é a quantidade de leitores que determina a qualidade de um escritor. O sucesso financeiro apenas significa sucesso financeiro.

Em um universo dinâmico, nada está acabado: tudo está em permanente construção.

Tornar irrelevantes uma pessoa, uma coisa ou um fato é retirar-lhes o seu significado para nós. O significado é que faz com que eles existam para nós.

A paz não é um fim em si mesma. É sempre um intervalo para novos recomeços.

A emoção é que nos dá a euforia de nos sentirmos vivos. É a certeza sensorial da nossa existência. Quem não se emociona, é um cadáver pensante.

Por que as tragédias nos fascinam, embora não queiramos admiti-lo? Porque elas produzem um forte

impacto emocional, despertando-nos o sentimento aflitivo de nossa fundamental insegurança. Por mais paradoxal que isso pareça ser, construir e destruir exercem o mesmo fascínio sobre o ser humano.

O modelo do corpo perfeito é um processo destrutivo da individualidade. Se todas as pessoas se transformassem em um modelo único, a diversidade do ser humano estaria perdida para sempre.

Se, em cada partícula, está contida toda a programação do universo, não seria a singularidade uma partícula que, no seu *big-bang*, fez nascer o universo? E quem sabe quantas singulares não estão constantemente gerando novos universos?

O depoimento de uma testemunha prova um fato? Como podemos ter certeza de que a testemunha viu o fato tal qual ela o descreve? Às vezes, nem elas mesmas têm. Fatores subjetivos influenciam a percepção. Assim, a certeza da confiabilidade do testemunho não passa de uma suposição. O estado emocional de uma pessoa ao presenciar um fato, e as condições de observação nem sempre favoráveis, são obstáculos que impedem uma boa percepção.

Quando as testemunhas se contradizem, qual delas está dizendo a verdade?

A mentira é uma forma de adaptação ao convívio social. Por isso, nessa situação, as pessoas mentem com naturalidade.

Poucos são os indivíduos que estão acordados. Muitos permanecem hipnotizados a vida inteira. Só aqueles que estão acordados sabem o que é estar acordado e nada podem fazer para explicar isso aos dormentes.

Não há nada pior do que a mesma coisa.

Uma sabedoria com excessos não é sabedoria.

O fanatismo é a patologia da fé.

A fé não necessita do milagre. Se necessitasse, não seria fé.

Em certas circunstâncias, duvidar é pôr à prova a fé.

A dúvida e não a fé é que vem concorrendo para o aumento do conhecimento. Quem livre pensa, duvida, embora entretenha provisórias certezas.

Quando se crê firmemente em algo, fica-se cego para tudo o mais que não lhe diga respeito ou lhe seja, ainda que razoavelmente, contrário.

A dúvida, quando metódica, não é o oposto da fé, mas outra opção a respeito do que a fé afirma. Duvidar é uma forma de crer de modo diferente.

Ninguém tem o dever ou o direito de ser feliz. A felicidade é uma experiência que nos acontece nas mais diversas circunstâncias.

O que seria a felicidade perfeita, se cada pessoa a concebe de modo diferente?

A felicidade, em certos casos, pode ser inercial, impedindo a ação transformadora. Se fosse contínua seria anestesiante. A dor, em certos casos, é o tempero da vida.

Embora as pessoas busquem a felicidade, há algumas que parecem ter uma incrível inaptidão para isso.

E há, ainda, pessoas que fazem de suas vidas uma infelicidade crônica.

Há momentos na vida em que algumas pessoas sentem vergonha de ser felizes. Nas pessoas sensíveis, o sofrimento dos outros abala a sua felicidade.

A vida feliz, para muitas pessoas, tem os seus fantasmas.

Muitos de nós somos consumidores compulsivos, condicionados pelas estratégias da mídia. Até a felicidade pode tornar-se um bem de consumo.

O patriotismo é um dos grandes obstáculos para a paz entre os povos.

Não só os seres vivos, mas as coisas e as palavras também morrem. Por isso, vez por outra, nos deparamos com coisas que perderam seus nomes, ou com nomes de coisas que não mais existem.

As escolas apenas preparam as pessoas para o mercado de trabalho. Faltam escolas que se destinem a preparar os alunos para a vida e as relações interpessoais.

O mercado de trabalho tem levado as pessoas, cada vez mais, a especializar-se em um determinado ramo do conhecimento. O processo parece irreversível face à complexidade da vida moderna. Assim, o especialista, incrustado no detalhe, perde a visão do todo.

As tragédias perturbam os seres humanos, mas, às vezes, servem de motivação para a criação na literatura e nas artes.

A emoção geralmente convence; a razão, raramente.

Há eruditos que não têm tempo de pensar por conta própria.

Há pessoas que buscam a sabedoria no saber. Se assim fosse, os eruditos seriam sábios.

Às vezes, como são úteis as coisas inúteis!

O ódio é o pior sentimento que uma pessoa alimenta contra o seu semelhante. No entanto, quem odeia é sempre prejudicado pelo seu próprio veneno.

O ódio é um sentimento que nos torna confusos e contraditórios. Quem tem inimigos vive perturbado, mesmo quando eles não estão presentes e nem lhe fazem mal. O ódio só prejudica a quem odeia.

Para que pudéssemos entender o ser humano, teríamos de ser contemporâneos de todos os séculos.

A idéia, uma vez revestida de palavra, pode ter mais concretude do que as coisas. Pessoas sofrem, matam e são mortas por causa de idéias. As coisas só valem para nós se possuem significados que nos afetem para o bem ou para o mal.

Ter poder é não depender psicologicamente de ninguém. Há mestres que querem o poder para se protegerem e, ao mesmo tempo, alimentarem o seu narcisismo. São dependentes de seus discípulos. E, por isso, perdem a capacidade de mudar, de serem contraditórios, a fim de não perderem o seu rebanho.

Há certos mestres que se proclamam salvadores do mundo ou são considerados como tais. É possível que alguns estejam enganados ou, deliberadamente enganando os outros. O mundo precisa de salvação? Ou apenas da solidariedade entre as pessoas para que ele se torne melhor?

Os mestres sem força moral são condescendentes com os seus discípulos.

A juventude é sempre uma fase de rebeldia. Os jovens idealizam mudar o mundo e se revoltam contra a sociedade que lhe cerceia o pleno exercício de sua liberdade. É uma tarefa muito árdua discipliná-los, porque estão no auge de sua energia e precisam expandi-las de qualquer modo.



A lei do Talião consagrou o princípio do olho por olho, dente por dente. Era uma versão jurídica da lei física da ação e da reação. No entanto, esta lei foi contestada pela idéia de que a violência gera violência, e que somente o amor é capaz de acabar com a violência. Na prática, no entanto, a não-violência não vem produzindo resultado e, ao contrário, é um estimulante para o crescimento da violência.

As religiões, de um modo equivocado, falam do dever de amar. Ora, o amor é um sentimento que pode acontecer ou não acontecer com um ser humano. Assim, o amor é um sentimento que não depende nem da vontade, nem do dever.

Podemos lutar contra o sentimento do ódio, mas o dever de amar aos nossos inimigos é utópico. Como podemos amá-los, se os consideramos inimigos? E mesmo se fizéssemos a paz com eles, como poderíamos amá-los, se o amor é um sentimento espontâneo? Quem procura amar por obrigação, na verdade não ama, embora se iluda, pensando amar.

Amamos ou não amamos. Não podemos querer ou dever amar.

A necessidade de ser necessário ou pensar que é necessário tem causado sofrimento às pessoas que pensam assim.

O egoísmo é, biologicamente falando, o instinto de preservação da sobrevivência de todos os seres vivos. Mas, no ser humano, ele é também cultural, visando, em muitos casos, à melhoria social e a busca do poder.

Na vida social, muitas coisas são feitas por dever. E, no entanto, sem direitos e obrigações não haveria sociedade.

Os deveres variam de cultura a cultura. Por isso, alguns deles nos parecem esdrúxulos e até abomináveis.

A gentileza é uma forma sutil de sedução. A pessoa gentil sempre causa boa impressão e isso, em alguns, pode representar um perigo para quem se deixa seduzir. A gentileza exagerada é, quase sempre, suspeita.

A religião é o colapso da razão. Porém, em certas circunstâncias, pode ser um mal necessário.

Sabe-se que a repetição reiterada de uma mesma palavra produz uma espécie de cansaço semântico, esvaziando a força de seu significado. A palavra semanticamente forte é aquela usada parcimoniosamente e até mesmo em momentos especiais.

Será esta uma explicação para a recomendação bíblica de não se pronunciar o nome de Deus em vão?

Estamos iludidos pelas palavras. Procuramos soluções para problemas que não existem. Tropeçamos em dificuldades lingüísticas e pensamos que elas dizem respeito à realidade. Mesmo a palavra realidade não define o seu conteúdo, a sua semântica. Aprendemos a jogar com as palavras, e com elas construímos nossas fantasias. O que existe além das palavras não pode ser verbalizado.

Palavras não são coisas. São convenções. No entanto, as pessoas pensam que podem explicar o mundo juntando palavras, formando frases e conceitos. A gramática põe ordem às frases e influem na gênese das idéias.

As palavras e os pensamentos presentificam as coisas. Quando não há palavras e/ou pensamentos, as coisas presentes continuam presentes e as coisas ausentes permanecem ausentes. Se falamos ou pensamos em algo, este algo se transforma em vivência psicológica e nós reagimos a essa experiência segundo o seu significado. Há palavras e pensamentos que nos fazem sofrer e, por isso, sofremos, quando falamos e/ou pensamos. Palavras e pensamentos doem tanto quanto as coisas físicas.

Linguagem e pensamento criaram um “corpo psíquico” que é afetado por experiências psíquicas, e

também afetam o corpo físico. Na verdade, somos mais ameaçados e sofremos mais psiquicamente do que fisicamente.

Em um mundo imaginário, no qual a maior virtude fosse a mentira, aquele que dissesse a verdade seria considerado um hábil mentiroso.

Uma das coisas que nos faz mudar de opinião é a idade.

Precisamos de uma autoridade, seja de que natureza for, para manter a ordem social. Toda revolução só faz trocar uma autoridade por outra.

Se, um dia, o ser humano tiver orgulho de sua bondade, haverá uma revolução jamais vista no mundo. O orgulho de ser bom! Podemos acreditar nesse ideal, nessa utopia?

Ser solidário é um grande investimento. O prestígio de ser bom gera o capital de confiança, admiração e respeito. O protetor gera dívidas de gratidão para os protegidos. E produz um patrimônio imaterial de segurança para o protetor. A ingratidão coloca o beneficiário numa situação de inadimplência moral.

Investir nos outros é investir em si mesmo. É o que podemos denominar de economia do bem.

A seleção natural pode ser um sucedâneo da idéia de Deus, porque cria e dirige todas as coisas.

O ateu é geralmente uma pessoa odiada. Ela tem, contra si, o rancor e o desprezo dos fiéis de todas as religiões. Por isso, dificilmente um ateu declara sua posição filosófica, temendo ser discriminado na sociedade.

A famosa “noite escura da alma” resulta da relutância de certos místicos em aceitar a dúvida em sua fé. Por isso, quando passam por essa experiência, buscam angustiadamente recuperar a fé abalada ou mesmo perdida.

Quem acredita no que faz, nunca se sente culpado dos seus atos. Tudo o que pensa, sente e age, entende como o bem.

Não há louco mais perigoso do que aquele que ensandeceu por causa de sua crença religiosa.

Se o ateísmo dominasse o mundo, ninguém mais morreria ou mataria em nome da religião. Mas, se o ateísmo passasse a perseguir e/ou matar as pessoas religiosas, agiria como se fosse uma religião.

Se o inferno existisse, de que adiantaria ser imortal?

Se só é perfeito o que não muda, tudo o que está morto é perfeito.

Apoiar as diferenças individuais. Incentivar a solidariedade entre as pessoas. Promover a paz, desestimulando a guerra. Eis um programa ideal para a vida inteira.

Os pais que ensinam ou obrigam os seus filhos a seguir a sua religião, estão privando-os do seu direito de escolha. É uma forma, embora não intencional, de condicionamento psicológico, ou, na pior das hipóteses, lavagem cerebral.

Mudamos e continuamos mudando. Como sabemos, com certeza, se melhoramos com a mudança?

Enganamos os outros e enganamos a nós mesmos. O engano é uma estratégia, nem sempre satisfatória, de autodefesa.

Não podemos sequer confiar na nossa sombra. Ela sempre desaparece quando estamos na escuridão.

Tolerar o que sabemos ser errado é assumir um comportamento eticamente inadmissível e, em alguns casos, pusilânime.

Não há pessoas mais gravemente enfermas do que aquelas infectadas por uma idéia perniciosa.

A ignorância submete as pessoas a ditaduras de qualquer natureza.

No regime democrático, a maioria tem o governo que merece.

As idéias religiosas são aquelas que mais influem no destino da humanidade.

Se, em vez da palavra “pecado”, que tem sido causa de medo teológico, sentimento de culpa e necessidade de perdão, usarmos o termo “perigo”, converteremos uma ameaça de castigo em simples advertência sobre as possíveis conseqüências da prática de determinados atos. Assim, por exemplo, o “pecado” da gula se transformaria na advertência do “perigo” da gula sobre a saúde das pessoas.

Pouco podemos fazer com o que ocorre no mundo. Muito podemos fazer com o que ocorre conosco.

São as idéias a causa dos fatos históricos e não a ação dos seres humanos. Estes nada mais são do que veículos das idéias em cada período da história da humanidade.

Pobreza não é virtude, mas falta de oportunidade ou de competência. A vocação para a pobreza é um equívoco de natureza religiosa.

O pobre pouco pode ajudar. E, infelizmente, poucos são os ricos que ajudam a melhorar as condições sociais da sociedade em que vivem.

Porque temos propósitos acreditamos que tudo na vida tem um propósito.

Não há nada que nos faça mais sofrer do que a autocomiseração.

O nada não existe: nós é que deixamos de existir.

Há pessoas que não admitem falhas, nem sequer dos computadores.



Segundo um mito, os deuses criaram os seres humanos para servi-los. E tiravam-lhes a vida quando eles os desobedeciam.

Os homens, imitando os seus criadores, também criaram suas criaturas: os robôs. Mas, eles temem que as suas criaturas os superem e passem a dominar o mundo, transformando os seus criadores em escravos. Poderemos, se isso acontecer um dia, desligar as máquinas, ou elas, de tão inteligentes, terão recursos para evitar que os seres humanos possam desligá-las?

Importa ser o que somos no momento em que somos, porque estamos sempre a mudar.

O tédio é a percepção do tempo como algo vazio ou uma atividade não-gratificante.

O tempo vazio nos desespera. O tédio é, em alguns casos, a consciência do tempo mal-gasto.

No turbilhão do presente, não temos uma percepção nítida dos fatos, porque não dispomos de uma perspectiva confiável. Fazemos parte do turbilhão e, nesta condição, o nosso juízo crítico é sempre precário. Só o passado pode ser observado melhor, embora esteja contaminado pelas nossas necessidades do presente.

Os computadores se assemelham aos seres humanos numa coisa: não são infalíveis.

Tudo o que se estagna, decompõe-se. É a transformação permanente que evita a estagnação. Sob esse enfoque, o bem é tudo o que se transforma e o mal, a estagnação.

A meta, quando alcançada, entra em processo de degradação. Então, é preciso que se busque uma nova meta para que a vida não se mumifique no que foi.

Para uma pessoa que não perdeu seu estado de criança, a vida é uma sucessão contínua de surpresas, de êxtases, de encantamentos, na qual os sofrimentos são sempre passageiros e olvidáveis.

Uns querem o poder para dominar; outros, para se defender.

Dormir ou descansar em paz é o que se deseja para quem morre. Como pode dormir ou descansar quem está morto?!

Os que acreditam na sobrevivência *post mortem* poderiam despedir-se de quem morreu, dizendo: quando acordares, descansado, esperamos que encontres algo agradável para fazeres.

Quando admiramos os outros, ninguém nos censura. Quando admiramos a nós mesmos, somos acimados de vaidosos.

Há uma coisa em comum entre religiosos fanáticos e ateus imbecis: a cegueira da irracionalidade e a anestesia do radicalismo.

Uma das fontes da violência é a sacralização de certos livros e a intocabilidade de algumas pessoas.

Que animal, além do ser humano, submete os indivíduos de sua espécie a torturas atrozes e por tempo indeterminado?

Se os animais tivessem uma religião, seriam melhores do que são? Os seres humanos não melhoraram. Alguns até pioraram.

Sensibiliza-nos mais a dor das pessoas que são importantes para nós, do que a daquelas que são importantes para o mundo.

Geralmente, uma longa doença terminal é um fardo para o enfermo e seus familiares. Ela é

percebida como um martírio inútil e que poderia ser abreviado.

Ético é todo comportamento ajustado a uma regra. O que se questiona é a utilidade dessa regra. Ela só é válida, se estiver de acordo com as necessidades de um povo em determinado momento de sua história.

A ordem social se mantém pelo exercício da solidariedade entre as pessoas e não pela quimera do amor universal. Por isso, uma sociedade constituída, na sua maioria, de pessoas destituídas da consciência de solidariedade, está em situação de extrema fragilidade. E, quanto mais se incentiva o egoísmo das pessoas, mais a convivência social se torna problemática.

Ninguém é solidário porque é bom, mas porque a solidariedade é um bem para todos.

A falta de solidariedade é o maior crime que se comete contra a sociedade, porque ela, na verdade, é a raiz de todos os outros crimes.

Quanto mais nos assemelhamos aos outros, mais perdemos a nossa identidade. O homem comum é aquele que é semelhante aos demais.

Em alguns casos, a fidelidade é uma restrição à nossa liberdade.

Até mesmo o que foi, um dia, criativo se transformará, mais cedo ou mais tarde, em rotina.

O casamento é uma condição para que duas pessoas possam desentender-se, às vezes, por toda a vida.

O casamento é uma experiência aceitável desde que não se transforme em um inferno a dois.

Alguns “mandamentos divinos” exigem do ser humano comportamentos sobre-humanos.

Quanto menos estamos ocupados, maior a nossa disposição para as atividades prazerosas, seja de que natureza for. Há, no entanto, certas formas de prazer que são inconvenientes à vida em sociedade.

Cooperação e concorrência, paz e guerra fazem parte do processo da vida. A sabedoria consiste em conviver com essas situações alternativas.

Nem mesmo os gêmeos univitelinos são iguais. Quando crescem, procuram ser diferentes para

ganhar sua própria identidade. A igualdade entre as pessoas é um mito.

O mito da igualdade vem fascinando a humanidade há milênios, e as pessoas anseiam que, um dia, elas sejam iguais. Os seres humanos não são coisas produzidas por máquinas dentro de um mesmo padrão industrial. Eles são semelhantes e diferentes entre si em habilidade física e aptidão intelectual.

Indivíduo é aquele que emerge do coletivo, embora permaneça nele. Está no grupo, mas não é do grupo. Os que se tornam indivíduos jamais imergirão, de novo, no coletivo, mesmo que o coletivo se amplie cada vez mais no processo de globalização do planeta.

Até os animais blefam. O computador não sabe blefar. Ele é o símbolo do determinismo e não sabe lidar com o imprevisto.

Quanto mais sabemos, nossas certezas diminuem, e aumenta o mistério do existir.

A arte é a expressão mais elevada da natureza humana.

A guerra não está destruindo apenas a juventude, mas também a infância. Crianças-soldados participam de guerrilhas, principalmente nos países africanos. Psicologicamente indefesas, elas são manipuladas pelos adultos para se tornarem máquinas de matar. E levam a cabo a sua missão, desprovidas que estão de sentimentos e de valores humanos. São robôs de carne. Nada tendo a perder, as suas vidas são destituídas de sentido e, por isso, para elas, a guerra é um entorpecente de sua falta de sentido, passando a ser a sua própria razão de ser. O seu destino é a morte precoce, um desperdício incalculável para a humanidade.

Crianças-soldados, assassinos mirins que raramente se tornarão adultas. As que sobreviverem estarão incapacitadas a viver em períodos de paz, pois a única coisa que aprenderam foi agir como máquinas de guerra, já que estão destituídas de sua condição original de seres humanos.

O militarismo é um câncer incurável, cuja metástase não pára de crescer. É um estado de espírito que acomete muitos governantes nos mais diversos países. Não é sem razão que a violência se institucionalizou nas produções cinematográficas, onde heróis matadores se transformam em ideal para crianças, jovens e adultos imaturos. Matar está se tornando um ato rotineiro, um hábito de neutralidade ética, uma emoção já integrada no cotidiano das pessoas.

Quando não formos mais necessários a quem quer que seja, então seremos mais livres, e saberemos quais são os nossos verdadeiros amigos.

Estamos vivendo em outra selva: a selva do conhecimento. Só os mais aptos sobreviverão.

Não importa o motivo pelo qual alguém faz o bem. O que importa é o benefício que ele traz para as pessoas que o recebem.

Crentes e ateus praticam as mais belas ações, como também as mais abomináveis. A fé ou a falta de fé não os torna melhores ou piores.

Difícilmente reconhecemos e proclamamos os nossos erros. Esse é um dos maiores males da humanidade.

A loucura pode acometer crentes e descrentes. E se torna perigosíssima se um deles estiver no poder.

O amor é um sentimento espontâneo. A solidariedade é um sentimento resultante da consciência de que ela é a única forma de estabilidade social.



O patriotismo é a religião leiga do estado que, em certas circunstâncias, obriga as pessoas a matar os “inimigos da pátria”, concedendo-lhes o título de heróis.

Cético é aquele que duvida de tudo, exceto de sua opinião.

Quem pensa criticamente está mais sujeito a cometer paradoxos, porque, algumas vezes, também critica o que, um dia, pensou ser verdadeiro.

O autoconhecimento resulta das perguntas que fazemos sobre nós mesmos. Se nos inquirimos sobre tudo o que pensamos, sentimos e fazemos, podemos conhecer-nos a cada momento que fizermos essa inquirição.

É impossível não pensar ou não desejar. Expressar pensamentos e realizar desejos é que pode ser inconveniente em certas situações e em determinadas culturas.

Somos vocacionados para o prazer e não para o sofrimento. A dor é um acidente e não a essência da vida como pensava Schopenhauer. Até mesmo o sofrimento pode ser um prazer para quem é masoquista.

Muito do que existe mundo não é realidade originária, mas realidade criada pelo homem e para o homem.

Não somos apenas o que quisemos ser, mas também o que aceitamos ser.

As probabilidades são infinitas. Os fatos são as probabilidades que aconteceram. Éramos um número talvez ilimitado de seres possíveis, mas nos tornamos apenas um deles.

Pouco importa que tenhamos pensamentos e desejos inadequados à sociedade em que vivemos. Para o nosso bem, no entanto, não devemos explicitá-los e satisfazê-los. A nossa verdadeira liberdade é a interior. O que somos é um segredo que devemos sempre preservar, porque a ninguém é dado o direito de sabê-lo. Aliás, o que somos é um mistério até para nós.

As religiões ensinam que a vida física não é a verdadeira vida, mas sim a vida espiritual. Isso é engodar as pessoas, principalmente as infelizes, seja para consolá-los, seja para explorá-los.

Quem acredita em castigo no Além, há de convir que a vida espiritual é pior do que a vida material, porque naquela, o sofrimento de uma parte

da humanidade é eterno, o que não acontece na vida física.

De que nos serve mudar a opinião dos outros?

É preciso cuidado com as pessoas que nos querem emocionar. A razão discute. A emoção chantageia.

Procuramos medir tudo com a razão e damos pouco valor à intuição.

O importante é viver além da crença e da descrença. É saborear o essencial mistério da vida. Porque a lógica não passa de um jogo que o homem inventou e depois acreditou que era a própria verdade.

Nunca saberemos se fomos realmente entendidos, mesmo que as pessoas digam que nos entenderam.

Periodicamente, precisamos fazer uma faxina nas idéias e pensamentos que se tornaram obsoletos.

A criatividade muda a rotina, mas depois se transformará em rotina.

Temos a liberdade de fazer o que queremos, quando podemos. De fazer o que não queremos, mesmo que a isso não sejamos obrigados. E de não fazer o que queremos, embora possamos fazê-lo.

O controle social existe não apenas entre os povos primitivos como, também, no mundo civilizado. A sua perda põe em perigo a vida social, e é utópica a idéia de uma sociedade na qual cada indivíduo faz o que quer. Esse comando varia no tempo e no espaço, em suas formas ditatoriais e liberais, dependendo das mais diversas circunstâncias sociais.

As idéias, como seres virtuais, têm uma duração indeterminada. Povos e seres humanos são seus veículos de manifestação. Ora se tornam dominantes, ora recessivas, segundo os tempos e os lugares.

Nunca haverá caos ou ordem universal, mas caos e ordem setorizados. Caos transformando-se em ordem, ordem voltando ao caos em pontos diferentes do universo.

Quando todos estão satisfeitos em maior ou menor grau, a probabilidade de conflito é mínima.

A complexidade gera complexidade e essa sucessão de complexidades pode ser indeterminada.

A competição e a colaboração fazem parte do processo de complexificação.

A solidariedade pode resultar de egoísmos coincidentes. As pessoas, nessa situação, se unem para defender-se de um adversário comum, para fazer face a uma calamidade coletiva ou para melhorar as condições de vida.

Somos o que experimentamos, somos a nossa experiência que está a mudar a cada momento. Será que a experiência criou o núcleo de si mesma à qual demos o nome de eu?

A cada segundo, imagens do que acontece em toda a Terra se propagam pelo espaço. São elas de duração indeterminada?

Espaço e tempo são o tecido infinitamente elástico do universo onde os corpos, segundo suas densidades, o deformam.

O crescente aumento dos bens materiais vem intensificando a insatisfação das pessoas e seu desejo de possuí-los pelos mais diversos meios. Quem não tem, quer ter. Quem tem, quer ter mais. Ninguém se contenta em estar à margem dos bens e comodidades oferecidos pela tecnologia. Todos querem ter acesso ao consumo, motivados

permanentemente pelo feitiço da propaganda veiculada pela mídia. Poucos são os que se contentam com pouco. Muitos querem cada vez mais. A vida material se torna cada vez mais deslumbrante e o apelo ao hedonismo fascina as pessoas de todas as faixas etárias, notadamente a juventude. A extrema dificuldade de fazer parte do universo do consumismo leva à frustração e, nas pessoas predispostas e destituídas de condicionamentos sociais, à prática de crimes.

A linguagem de cada povo tem seus mistérios impenetráveis e intraduzíveis para outros idiomas. Ela oculta intenções semânticas que não são detectadas pelos mais exímios tradutores.

Cada idioma é uma alma coletiva e se impregna na alma das pessoas que nela desenvolveram a sua identidade cultural. Por isso, toda tradução é uma aproximação, uma semelhança e jamais uma clonagem. A sinonímia perfeita entre dois idiomas, por mais próximos que sejam, não passa de uma ilusão. Ninguém domina um idioma, se, no desenvolvimento de sua personalidade, não foi dominado por ele. Só quando somos possuídos por um idioma é que podemos pensar, sentir, falar e escrever como se ele, por nosso intermédio, se manifestasse.

A linguagem, além de comunicação, é uma forma poderosa de sedução. Escritores e oradores fascinam multidões. Quem pensa e fala com

propriedade sempre exerce uma forte influência sobre as pessoas.

A simplicidade é uma das coisas mais difíceis na arte de escrever, de falar e de se comunicar com as pessoas. O desejo que elas têm de impressionar ouvintes e leitores pela erudição ostensiva e linguagem afetada, tornam-nas, às vezes, antipáticas.

Não há tempo sem memória. Não há memória sem tempo.

Tudo o que é novo para nós, não é necessariamente novo. Pode ser um evento repetitivo, mas não reconhecido, porque, antes, não fora observado. A repetência pode apresentar-se sob diversas formas, dando-nos a impressão de novidade.

Embora ignoremos como ocorreu o salto qualitativo da matéria à vida e desta à consciência, parece-nos viável a hipótese de que a matéria, a vida e a consciência representam três níveis da realidade que, conquanto autônomos, interagem entre si. Será a consciência o último nível da realidade?

Ninguém é obrigado a dar o que lhe é necessário.

Em cada cultura, os indivíduos desenvolvem aptidões específicas. Não há cultura que facilite o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano.

Quanto mais cresce a interdependência entre pessoas e povos, mais diminui o conflito entre eles. A complexidade das relações dificulta os posicionamentos radicais.

O dar pode conferir maior status ao doador. Ele se torna psicologicamente credor dos beneficiados e deles recebe, geralmente, a força da estima e da gratidão. Dar não é apenas prova de generosidade, mas também de poder.

O determinismo opera no macrocosmo, e o acaso, no microcosmo. No macrocosmo, as coisas acontecem. No microcosmo, tendem a acontecer e o seu acontecer se dá no macrocosmo.

A memória é um conjunto de inumeráveis possibilidades de lembrar. Lembrar é o ato que atualiza uma das possibilidades que existe em potencial na memória. Só o presente é atual. O passado e o futuro são virtuais: um, constituído de fatos acontecidos; o outro, de expectativas que poderão ou não acontecer.



Pensar é a atividade psíquica que consiste em analisar acontecimentos passados ou presentes, elaborar problemas, inventar soluções, estabelecer relações entre as coisas, interpretar fatos e fazer especulações sobre o futuro. O modo como pensamos revela o nosso tipo de inteligência.

Os homens nada mais são do que veículos das idéias. São elas que dominam o mundo, não as pessoas. Quanto mais poderosas elas são, maior o seu poder de contaminação. Não há vacinas contra elas, e a cura é quase impossível.

Há pessoas que são o passado da raça humana; outras, o presente; e, finalmente, algumas, o futuro. Apenas são contemporâneas fisicamente.

Há pessoas que se pensam deuses. Há pessoas que as outras transformaram em deuses. Parece que o ser humano é um deófilo.

A consciência é um aspecto da realidade que provoca mudanças, a todo instante, na realidade.

A consciência cria probabilidades e escolhe uma delas para transformá-la em fato. A consciência não cria probabilidades, mas escolhe uma delas para acontecer. Podemos, ainda, admitir uma terceira via: a consciência faz essa escolha entre as possibilidades que ela criou, ou entre aquelas que ela não criou.

Os nossos sentimentos em relação à prática de determinados atos são resultantes de nossos condicionamentos culturais. Eles são necessários à vida social por constituírem freios que controlam as ações tidas por indesejáveis dos seus indivíduos.

Vivemos mais ocupados com os outros do que imaginamos. Eles são nossos assuntos preferidos. Gostamos de observá-los e de ser observados por eles. Há até os que exageram nas suas exibições para serem vistos pelo maior número possível de pessoas e em todas as ocasiões possíveis.

Não se pode suprimir ou deixar sem controle as necessidades humanas, mas discipliná-las para garantia da estabilidade social.

É uma difícil arte a convivência com os contrários. A tolerância é o ponto de equilíbrio entre eles.

O símbolo tem a mesma força do simbolizado. E tem o poder real sobre as pessoas que acreditam no que ele representa. É até adorado como se fosse o próprio simbolizado, a sua presença física. O símbolo, seja ele constituído por formas e/ou palavras e/ou gestos, provoca alterações psicológicas e fisiológicas nas pessoas. É ainda um meio de se manter uma relação emocional ou espiritual com o simbolizado. Por isso, cada pessoa pensa, sente e se comporta segundo o que acredita, e não admite a existência de

alternativas. O real passa a ser o seu ponto de vista. Assim, não percebe ou ainda que perceba não acredita no que esteja além de sua crença, ou seja diferente dela. Só percebemos novidades quando nos libertamos das rotinas hipnotizantes do que cremos. A força com que se acredita é capaz de operar prodígios.

Fundamentalmente, somos o que cremos. E a crença, seja na religião que se professa, seja na dedicação à ciência, é uma força poderosa que nos impele à ação.

O limite de tudo é a passagem do virtual ao atual e do atual ao virtual.

A religião é o imaginário criado pelos teólogos.

Raras são as pessoas que têm a aptidão de se conhecerem.

A sensatez é um constante aborrecimento neste mundo maluco em que vivemos.

Em cada situação há um líder, mas ninguém é líder em qualquer situação.

Uma das mais raras virtudes do ser humano é a dignidade. E, em certos períodos de cada país, torna-se de tal raridade, que pensamos ter desaparecido.

A pobreza é um poderoso empecilho à dignidade e também ao exercício da liberdade.

O elogio, principalmente em público, quase sempre é uma chantagem. Elogiar alguém importante por sua competência pode ser uma estratégia do elogiador de mostrar também a sua importância por ser capaz de compreender o elogiado.

Conhecem-se mais as pessoas pelos seus amigos e até por seus inimigos. O homem se revela naquilo com que se relaciona. Ele é o seu convívio.

Por mais absurdo que pareça, um inimigo, às vezes, nos é necessário. Ele funciona como um contraponto, suprimindo as deficiências que os nossos amigos não percebem ou, percebendo-as, se sentem constrangidos em nos revelar.

A criança é o estágio do ser humano de máxima espontaneidade e de mínimo condicionamento. O adulto é o estágio do ser humano de mínima espontaneidade e de máximo condicionamento.

A velocidade anestesia o eu. Somos, neste estado, um corpo em movimento que perde a noção de seus limites.

Somos “possuídos” por idéias e nos tornamos seus veículos. Idéias são entes imateriais que atravessam séculos e as pessoas são seus “médiuns”. Porque as idéias são intangíveis, elas parecem imortais. Assim podemos perguntar-nos que idéias somos e, não, que seres somos. As idéias, como os genes, sofrem mutações para adaptar-se às novas circunstâncias, mas não mudam a sua natureza original.

A felicidade não é feita apenas de coisas, mas, principalmente, do autoconhecimento aplicado às relações interpessoais. As coisas não têm valor intrínseco, mas convencional. A consciência da convencionalidade das coisas modifica as nossas relações com elas e com as pessoas, libertando-nos do apego que é uma das causas do sofrimento.

É natural ao ser humano a busca pela felicidade. Mas, a felicidade não é algo monolítico. Ela é feita de momentos que nunca se repetem.

Quem se julga infeliz geralmente vive a destilar o seu azedume. Sofre e, algumas vezes, constrange os outros.

A invenção da igualdade é a mais eficaz estratégia contra o poder dos fortes. A sagacidade, a astúcia e a desfaçatez são as armas que a presa utiliza contra a força do predador. A justiça é o que resulta da subjugação dos fortes. Mas os fortes, quando cômicos de que são, transformam seu poder em privilégios, seja decorrente das leis que elaboram, seja da presumida vontade divina. Ou seja, as leis são as formas de manipulação da vida societária. Onde não há sociedade, não há lei, não há injustiça, nem sentimentos decorrentes de direitos e obrigações. As limitações, que a vida social impõe aos homens, despertam neles, em maior ou menor grau, o sentimento de liberdade. Se uns lutam para aumentar a sua liberdade, outros se conformam com as limitações que lhes são impostas, gozando o mínimo de liberdade de que dispõem. E todos eles procuram racionalizar as suas atitudes para justificá-las em relação a si mesmos e/ou aos outros. A fraternidade entre os homens tem a natureza da relação entre Caim e Abel, pois há inúmeras formas de o homem matar o seu semelhante, sendo o homicídio a mais primitiva delas. A morte psicológica é a mais sofisticada, pois mantém o adversário apenas biologicamente vivo.

A tortura é uma velha prática da humanidade, seja de natureza física ou psicológica. Apesar de aparentemente negada e combatida, ela permanece sendo usada furtivamente em qualquer regime político.

O bem que fazemos aos outros só é um bem para nós se nos fizer bem. Às vezes, fazemos mal aos outros na ilusão de que lhes fazemos o bem. E há aqueles que fazem mal aos outros porque este mal lhes faz bem ou dele tiram proveito.

Substituímos os oráculos por computadores. Estes dizem o que devemos fazer. Respondem a perguntas e fazem projeções para o futuro. Pensam por nós, cuja única função é pô-los para trabalhar. E essa passividade nos atrofia.

Lembrar constantemente o que passou é manter virtualmente o que passou.

A serventia não existe nas coisas, mas no uso que fazemos delas. O homem vive em busca de serventias, pois é carente de utilidades e significados. Nada foi feito para. Nós é que damos serventia às coisas. Chamamos de inútil e até mesmo de nocivo àquilo que não tem serventia para nós.

Há pessoas que preferem obedecer por temerem assumir responsabilidades. Outras que obedecem para serem protegidas e poderem culpar os seus protetores pelos fracassos da sua vida.

Para o equilíbrio da sociedade, é necessário que as leis sejam cumpridas e que também sejam mudadas quando se mostrarem insatisfatórias. Devem ser rígidas no seu cumprimento e flexível, em caso de necessidade de sua mudança. Leis obsoletas se tornam prejudiciais ao convívio social. Elas podem ser mudadas pelo convencimento democrático ou pela força revolucionária.

A paz não é a imobilidade, mas a compreensão da alternância dos opostos. A mudança é a raiz de todas as coisas.

As nossas teorias são brinquedos de adulto. Poucos são os que percebem que pensar é brincadeira de inventar os jogos e regras como também acreditar que este jogo é coisa séria. Porém, quando o jogo acaba, nem sabemos que acabou e, se um dia, existiu o jogo e as pessoas que jogaram.

Que a rotina seja apenas um modo de fazer, nunca de pensar, porque o pensar é que muda a rotina, e mudar a rotina de fazer é descobrir que há sempre novos modos de fazer.

As rotinas são necessárias enquanto funcionam. São programas de ações para facilitar o funcionamento de atividades intelectuais, físicas e sociais. Mas se tornam grilhões, quando impedem a criatividade intelectual e o desempenho social no



enfrentamento de novos desafios resultantes do processo das mudanças.

A vida é a troca. Se alguém guarda, outro não recebe. Assim a vida perde seu instante de trocar.

Não há mistério por trás das aparências senão o próprio aparecer. Se tudo brota do vazio, é o próprio vazio a brotar. A beleza está no que aparece. Como pode ser belo o que não vemos, se o belo é a relação entre o que vê e o que é visto?

A experiência gera pensamentos, emoções e comportamentos. A sua continuidade gera um condicionamento que manterá a continuidade. A continuidade cria o padrão que tende a se preservar em um processo de clonagem. Essa repetição gera um corpo virtual que interage com os átomos ou fluxos de átomos.

Quem se reconhece como fazendo parte de um processo não se sente efeito nem causa do que quer que seja. Somos empurrados e levados a empurrar os outros pelo movimento do existir. Qual a onda que é a causa ou efeito do maremoto?

A liberdade é como a respiração que dela sentimos falta quando nos sufocamos.

Leiamos-nos no nosso íntimo: não sejamos um livro fechado, pensando encontrar respostas nos livros alheios. Quanto mais nos entendemos, mais entendemos os outros, por mais que eles sejam diferentes de nós.

Somos mentes que pensam ter corpo. A mente é um programa feito para pensar. E ela mesma pode pensar que é um programa que a faz pensar que é um programa.

Será que o que produz o sonho, produz também o que chamamos de real? Assim, o sonho e o real são da mesma natureza. Mas o que é que produz o sonho e o real? Qual a sua natureza?

Há um futuro factual e um futuro conjectural. O futuro factual decorre da nossa percepção visual de um fato que nos pode atingir, porque vamos em direção a ele ou porque ele vem em nossa direção. Esse futuro é uma extensão do presente e, por isso, nos permite, em alguns casos, evitá-lo. O futuro conjectural é aquele que não é percebido no horizonte do presente. Ele é uma possibilidade que não se encontra no tempo porque não é ainda o presente.

Organizamos a realidade na esperança ou crença de que ela seja como a organizamos.

A história é, ao mesmo tempo, a crença dos historiadores e a crença nos historiadores.

Os sonhos e os filmes são realidades virtuais das quais participamos como ator ou espectador comportando-nos como se essa experiência fosse real.

Se a realidade são estados cerebrais, estados cerebrais semelhantes são alicerces de uma realidade comum. Mas o que são estados cerebrais senão o resultado de atividades neurônicas e sinápticas?

Transformamos tudo em utilidade, inclusive as pessoas. Queremos ser úteis para os outros e nos tornamos utilidade. Como seria o mundo se não houvesse utilidade? A árvore seria apenas árvore, a formiga, apenas formiga, o homem apenas homem.

A perfeição é a impossibilidade de se ser mais: é o ser petrificado.

A explicação é um sedativo. Ela não nos faz ver melhor o mundo. E perturba o prazer de contemplá-lo.

A saudade é como o vento soprando as brasas dos fatos já comburidos.

A vida é um bem perecível. Seu fim é ser consumida, e se consome sozinha, mesmo não sendo usada.

Do mesmo modo que ainda não encontramos o fundamento da matéria, não encontramos também o fundamento da consciência. Onde termina o observador e começa o que é observado no instante da observação. Observador, observado e observação são uma experiência indivisível.

Não se pode ensinar o que cada um deve aprender por si mesmo.

A história não é constituída só de fatos, mas, principalmente, de interpretações dos fatos segundo a perspectiva de cada historiador. A história também é feita de fatos inventados e suas conseqüentes interpretações.

A vida é um jogo de sobrevivência pessoal ou coletiva. O ser combate os outros seres que o ameaçam. Mas, quando não pode lutar sozinho, une-se a outros de sua espécie, formando uma coletividade, para combater o inimigo comum. E quanto maior a ameaça, maior a solidariedade do grupo ameaçado.

Não devemos viver apenas explicando o passado, porém refletindo sobre as possibilidades do futuro e a opção por aquele que, à luz do presente, nos pareça o mais benéfico. O futuro que não se escolhe é o futuro aleatório. O futuro escolhido tende a ser realizado, porque escolher, de certo modo, influi na efetivação de um dos futuros possíveis. Escolher é forçar a realização do que foi escolhido. A fé é a mais poderosa de todas as escolhas.

A nossa liberdade interior nos permite ver, com lucidez, as limitações de nossa liberdade exterior. A mera liberdade exterior não nos permite ver o limite dessa liberdade, porque, interiormente, não nos libertamos das ilusões e dos condicionamentos que a nossa cultura nos introjetou.

Quando descobrimos que certas percepções eram ilusórias, embora parecessem verdadeiras, preferimos, por força do hábito, a conviver com elas *como se fossem verdadeiras*.

Vivemos mais da ficção, do mito, do fantástico do que da chamada realidade objetiva. Até mesmo a percepção pode ser modificada por drogas e, o que é freqüente, por fatores subjetivos.

Tudo o que fomos é sonho. O presente é a máquina de fabricar sonhos.

É importante distinguirmos entre o que podemos ou não podemos fazer, o que podemos, mas não devemos fazer e o que devemos, mas não podemos fazer. Neste último caso, a omissão do dever se torna inevitável, dada à impossibilidade do seu cumprimento.

Os sentimentos nos acorrentam. Há as algemas do amor. Há as algemas do ódio.

Somos só a nossa autenticidade, ou os outros nos acrescenta?

O mundo espiritual “revelado” é um reflexo da vida humana, segundo cada cultura e reflete os medos e as expectativas do homem. E também funciona como compensação para as atribulações da vida material. Assim como o homem fez de Deus à sua imagem e semelhança, também fez o Além à imagem e semelhança de sua cultura e de sua religião.

O Além é descrito como o melhor e o pior das coisas conhecidas em cada época.

Os grandes mestres espirituais não descreveram o mundo transcendental.

É o amor que temos a alguém uma mera projeção de nós mesmos?

A nossa agressividade, a nossa tendência destrutiva podem ser direcionadas para a ficção e, com as devidas cautelas, para os esportes. Porém, na vida real, a agressividade e a destrutividade devem ser desestimuladas e reprimidas.

A quem é feliz, o que acresce a esperança?

O que somos nos é pouco. Queremos ser mais de um.

Ansiamos pelo infinito.

Só existe ação verdadeira quando nada somos senão ela.

Há ocasiões em que a consciência dói. Então queremos a anestesia de um breve repouso no nada.

A realidade pode ser um programa, do qual o homem faz parte, instalado no computador cósmico para ser projetado no monitor do infinito. Mas o homem, mesmo sendo uma projeção, tem a capacidade de projetar o seu mundo interior sob forma

de sonhos e de imaginar simulações, usando um computador para viver também uma realidade virtual. Porque estamos, com a nossa insânia tecnológica, devastando o mundo real, a construção da realidade virtual começa a se impor, não como fuga, mas como compensação e superação da realidade física.

Toda conclusão é uma porta que se fecha.

Quem vive à superfície de si, muito de si ignora.

Estamos sempre a procura de respostas. Mas quase nunca propomos perguntas adequadas.

A exagerada ânsia pelo saber pode tornar-se um vício.

Por que não somos um, podemos cometer paradoxos.

O problema de hoje não é mais ser ou não ser, e sim ser real ou ser virtual.

Quanto mais aumentam as complexidades das relações interpessoais e interculturais, mais difícil se torna a previsão do futuro, principalmente em face do acelerado desenvolvimento da tecnologia.



A instituição do Estado reforçou a idéia do nacionalismo e, conseqüentemente, da manutenção das chamadas forças armadas para a defesa do país. Daí, por certo, se originou a indústria do armamentismo, estimulando a prepotência dos países militarmente mais poderosos.

Enquanto o nacionalismo for um sentimento separativista, o militarismo permanecerá.

Precisamos modificar a nossa mentalidade guerreira. Jeová ou lavé era o deus dos exércitos. A mitologia tinha os seus deuses da guerra. Nós ainda cultuamos os grandes conquistadores sanguinários como Alexandre, Júlio César e Napoleão Bonaparte, entre outros.

Todas as pessoas anseiam pela paz? Se isso fosse verdade, não haveria a guerra.

É uma crença popular que uma pessoa erudita é também sábia. Discordo, porém, dessa presunção. A erudição, por si só, não confere sabedoria e esta, em muitos casos, não precisa daquela. Porém, ambas podem conviver produtivamente.

O conhecimento, por si só, não dá sabedoria. A sabedoria é a arte de ser livre.

Apesar de todo progresso científico e tecnológico, a inércia psíquica é um grande obstáculo para as pessoas se adaptarem às mudanças sociais, e se livrarem de seus condicionamentos culturais já inadequados. A quase totalidade das pessoas continua presa aos preconceitos do passado.

O prazer e felicidade são conseqüências do nosso modo de ser.

O especialista é, hoje, uma pessoa que inspira uma grande respeitabilidade científica. Mas, o homem deve ser muito mais do que um especialista para compreender a complexidade cada vez maior do mundo moderno e das relações humanas dela decorrentes.

O homem superior é aquele que é capaz de errar cada vez menos, embora jamais se torne infalível.

Muitos dos que se julgam mestres ou gurus gostam de viver cercados de discípulos. Na verdade, eles precisam tanto dos discípulos, como os discípulos precisam deles.

Se Deus é infinito, Ele não tem forma. O infinito é necessariamente amorfo.

Razão e fé são domínios cognitivos diferentes e, por isso, nenhuma comparação entre elas é possível.

O conflito entre a ciência e a religião parece não ter fim. Em algumas ocasiões se estabelece um armistício entre elas, mas não a paz.

A ciência é a vaca sagrada dos nossos dias. O conhecimento que não é científico é tido como desnecessário e até mesmo prejudicial por contribuir para alienação do ser humano.

Como a apoptose é um mecanismo que provoca a destruição da célula defeituosa ou velha, é possível que exista uma apoptose geral do organismo, quando este se torna inviável em virtude de doenças genéticas ou adquiridas ou ainda quando envelhece. Na célula cancerosa, esse mecanismo é desativado. Podemos adiar indefinidamente a morte, desativando também esse mecanismo?

Como pode haver caridade em um mundo utópico onde todos são felizes?

Pessoas há que fazem o bem aos outros por amor, por dever social ou jurídico, por ostentação, por um prêmio além da vida, por medo religioso, ou por comiseração.

A certeza de que tudo passa é esperança para os que sofrem e advertência para que os felizes aproveitem a felicidade atual, porque nada está garantido para sempre.

Não importa o que fomos, mas o que somos e o que poderemos ser.

Muitas pessoas não passam de sonâmbulas, embora pareçam acordadas. Quem poderá despertá-las de seu sonho coletivo?

Matéria é informação que a constitui. Tudo o que existe é mantido por um conjunto de informações, organizado em forma de um programa, agindo em todas as coisas.

É na política que mais se desenvolve a arte de mentir.

Vivemos, em nível inconsciente, em estado onírico e, em nível consciente, em estado de hipnose. Ou seja, quase nunca estamos realmente acordados.

Muitos permanecem hipnotizados a vida inteira. Só aqueles que estão acordados sabem o que é estar acordado e nada podem fazer para explicar isso aos dormentes.

Não criemos raízes. São elas que, quando arrancadas, nos fazem sofrer.

A nossa realidade é construída com palavras. Quando elas perdem o sentido e se tornam apenas grafia e sons, o nosso mundo começa a desmoronar.

Não basta ver. É preciso entender o que se vê. E, em alguns casos, é possível entender sem ver.

Além dos mistérios da vida, há os mistérios que as religiões inventaram. Estes são inúteis e até prejudiciais.

Creemos mais do que sabemos. A crença não é conhecimento, mas nos dá a ilusão de que o seja. E, na verdade, quase tudo o que sabemos não foi submetido ao nosso juízo crítico, do qual é desprovida a quase totalidade das pessoas.

Poucos são aqueles que questionam o que sabem, seja por inércia mental, seja por apego ao conhecimento adquirido.

As grandes religiões são as multinacionais da fé e combatem entre si pelo domínio do mundo.

A fé é um dos mercados da emoção e, por isso, indestrutível. É a emoção, e não a razão, que conduz o destino da humanidade.

Na era da informação e da globalização, é preciso inventar uma vacina contra a doença epidêmica da credulidade.

O cérebro não distingue o imaginário do real, e a eles reage do mesmo modo. O que pensamos, seja real ou imaginário, é real para o cérebro. Pensamentos recorrentes criam conexões neuronais e passam a fazer parte do nosso modo de ser. Pensar constantemente em algo, é transformá-lo em realidade orgânica. E, quanto menos pensamos numa coisa, as conexões neuronais se fragilizam até culminar na sua extinção.

Vivemos do que imaginamos. A imaginação é o nosso céu ou o nosso inferno.

Não somos, assim, apenas o que pensamos, mas o que imaginamos.

A morte é o ser pelo avesso.

Nem sempre os que dizem odiar a tirania são sinceros.

Esquecer é mais fácil que lembrar. O rio Letes corre em nossas veias. De tudo o que fomos, somos síntese, e não detalhes da memória.

O passado é a matéria-prima de nossa mitologia pessoal.

A liberdade, para muitas pessoas é desorientadora, porque não sabem lidar com ela. Só a rotina as protege.

Cada geração pode ser uma nova experiência, para melhor ou para pior, da humanidade, ou apenas a continuidade do passado.

A humanidade se degradará se os imbecis, gerados pela mídia, herdarem o planeta.

Se nada existe, quem faz essa afirmação?

A dúvida é a melhor ferramenta da pesquisa científica. Ela colabora na evolução do conhecimento, aperfeiçoando-o.

Tudo o que somos, está dentro e fora de nós. Existe essa separação?

Somos pedaços de muita gente e um pequeno pedaço de nós. Na verdade, somos nós, que não se desatam.

O que nos mantém plenamente vivo, não é a paz, mas o desafio. A paz ininterrupta leva-nos à inércia, à paralisia e à insensibilidade.

Quando percebemos sem pensar, não há um eu a perceber, mas apenas a percepção.

Não precisamos de uma sociedade de seres perfeitos, mas solidários. Nem de seres puros, mas compreensivos.

Quando o estado substitui a religião comete os mesmos crimes contra as pessoas sob o pretexto do bem-estar social.

A explicação quase sempre é um sedativo para aplacar a dor da ignorância.

Muitas coisas são possíveis, mas algumas são inconvenientes ou perigosas.



O ser humano só é internamente livre, quando é capaz de lutar permanentemente contra os seus condicionamentos culturais.

As nossas ações predatórias e as catástrofes da natureza operam mudanças radicais na vida de um povo e até na humanidade. Os futuros prováveis podem tornar-se inviáveis em consequência dessas mudanças.

O sofrimento é o tempero místico das religiões. Sofrer e fazer sofrer são o supremo orgasmo das pessoas fanaticamente religiosas.

Em regra geral, quem assume o poder não é mais confiável. O poder o possui.

O mundo é movido por idéias e não por pessoas. Os líderes de cada país, consciente ou inconscientemente, são instrumentos de idéias construtivas ou destrutivas.

Tempo perdido é aquele em que não fazemos nada de útil para nós ou para os outros.

Se eu fosse um deus, preferiria os questionadores e não os carolas.

Precisamos sempre do oposto. O pêndulo oscila de um lado para o outro. Qual dos lados é o que chamamos de bem ou de mal?

Os que fazem do Estado o sucedâneo de Deus são tão fanáticos e crédulos como os religiosos radicais.

Há um poder oculto por trás do poder aparente. Mas, o povo só conhece o poder aparente.

O que a mídia informa é o que interessa aos grupos que a dominam. Jornalismo independente, mesmo em países ditos democráticos, não passa de simples encenação.

Parecer religioso melhora a imagem do político. Porém perigoso é o líder político que é um religioso fanático. E, ainda mais perigoso é um povo que crê fanaticamente que a sua religião é a única verdadeira.

A tecnologia, no mundo contemporâneo, é a fábrica de milagres mais espetaculares do que aqueles relatados pelas religiões.

Quer saibamos ou não, quer queiramos ou não, somos parte de um Todo. O que o Todo é, não sabemos. Só sabemos de nós, e assim mesmo muito

pouco. Somos um mistério particular no mistério infinito do Todo.

Se a mágoa de hoje não for esquecida ainda hoje, ela se prolongará indefinidamente no tempo toda vez que for lembrada. Esquecer é uma arte que poucos sabem praticar.

Com fundamento no vertiginoso progresso da inteligência artificial, podemos especular que o ser humano do futuro não será uma estrutura biológica. Hoje, as próteses iniciaram um conúbio entre a biologia humana e a máquina, que, no momento, é uma extensão das nossas atividades orgânicas. No futuro, seremos um ser não-biológico autoconsciente de sua transformação, superando a evolução biológica da qual se originou. Não seremos uma máquina, no sentido atual do termo, mas um ser consciente que se autocriou.

Somos o maior de todos os predadores da Terra. E depredamos a natureza como se ela fosse o nosso patrimônio. Temos, ainda, a petulância de dizer que ela é má, quando somos atingidos pela força destruidora dos vulcões, terremotos, furações e maremotos.

Se não sabemos viver, de que nos adianta saber tudo o mais?

O povo é uma imensa massa humana sem rosto.

Vencer não é uma obrigação. Por isso, há tantas pessoas infelizes.

Há pessoas infelizes por causa da felicidade dos outros.

Tentar compreender alguém apenas pelo que ele foi, é não perceber o que ele é.

Se não pudermos dar um rumo às coisas, devemos aprender a tirar o melhor proveito do rumo que elas tomarem.

A certeza de que tudo passa é esperança para os que sofrem e advertência para que os felizes aproveitem a felicidade atual, porque nada está garantido para sempre.

Somos constituídos pelo que passou, pelo que pensamos que passou, pelo que está passando, e pelo que pensamos ou desejamos que, um dia, venha a acontecer.

Não se pode suprimir ou deixar sem controle as necessidades humanas, mas discipliná-las para garantia da estabilidade social.

O ideal, por melhor que seja, pode converter uma pessoa em fanático insensível para tudo o mais, exceto o seu ideal.

Sejamos moderados em gastar o nosso tempo com os outros. Ele nos é precioso, porque não sabemos o quanto dele ainda iremos dispor.

O mistério exerce um irresistível fascínio sobre as pessoas. Quem se desnuda totalmente, torna-se vulgar. É desprovido de mistério e surpresas e não possui fascínio. Um tom de mistério torna a personalidade atraente. A penumbra enseja fantasias. Quem quer ser transparente, torna-se invisível.

Transformemos lição em ação. Só aprendemos o que praticamos. A ação adequada, decorrente da lição aprendida, deve ser sempre repetida para tornar-se hábito. Então, a lição se torna uma ação automática e passa a integrar o nosso modo habitual de agir.

A fama de uns é constante tormento para outros.

Não podemos parar as mudanças para compreender o que elas são.

O que nos importa nos fatos é a sua interpretação. O fato, como ele é, nos passa despercebido.

O pior da dor não é a dor, mas a sua falta de significado. A dor que apenas dói é a dor que dói mais.

O poder de informar é o mais perigoso de todos os poderes. Nenhuma informação é totalmente confiável, porque ela interpreta os fatos que divulga. Não se pode avaliar o poder letal de uma informação para a sociedade, hipnotizada pela sugestão da propaganda. A mentira, na mídia, é o recurso por excelência para a manipulação das massas. Por isso, é de elementar cautela ler ou ouvir o noticiário sempre com atenta desconfiança. A mídia se tornou a sedutora prostituta que institucionalizou a mentira direcionada, usando fatos, nem sempre verídicos, para transformá-los em interpretações com aparência de verdade.

O que acontece habitualmente deixa de ser informação. É, no dizer de Shannon, redundância. A rotina é feita de redundâncias e nos deixa entorpecidos, não nos provoca mais reação. Por isso, precisamos sempre de informações novas para nos

manter acordados. De emoções inesperadas para nos sentirmos vivos. O caos temporário é que desperta a ordem de seu sono e faz com que ela se reorganize. O caos é o momento criativo da ordem. O ruído é tudo aquilo que não nos interessa, que não faz sentido para nós e que, às vezes, nos perturba.

Confiar com prudência, porque tudo é mutável e as circunstâncias podem mudar as pessoas. O instinto de conservação é o atributo de todos e seres, e é acionado automaticamente nos momentos de perigo. Raríssimas são as pessoas que conseguem opor-se a ele com êxito.

O amor atrofiado é aquele que tem por objeto apenas uma pessoa. Quanto mais amamos, mais o amor nos enriquece. E há inumeráveis formas de amar. Não se pode amar igualmente as pessoas, pois as formas de amar são qualitativamente diferentes por mais que sejam semelhantes. Quem quer ser amado e exige amor, na verdade não ama. O amor que espera contraprestação não é amor, é carência afetiva, decorrente da incapacidade de amar.

O amor, que é o nosso sentimento maior, nem sempre resiste ao desgaste do tempo.

Nem sempre é fácil fazer uma distinção entre o amor e uma forte amizade.

Não façamos do uso uma posse, mas, da posse, um uso. Sejamos sempre um usuário das circunstâncias do transitório. Quem usa, não acumula. A vida é o seu gastar-se.

Meditar é observar a paisagem interior e o desfilar contínuo de pensamentos, sentimentos e emoções.

Há uma infinidade de futuros possíveis e a sua escolha ocorre a cada instante. Mas um futuro escolhido pode ser anulado pela escolha posterior de outro. Na continuidade das escolhas, os futuros se excluem mutuamente na fase do seu pré-acontecer.

Mérito, glória, culpa, remorso, salvação, bem e mal, poder, onde existem tais coisas na natureza?

Os padrões biológicos parecem imortais, porque criam sucessivamente réplicas de si mesmos. O padrão homem já dura milhões de anos.

Tudo o que sabemos sobre a morte é o que testemunhamos da morte dos outros. E a morte dos outros não nos ensina sobre a nossa futura morte: é mera constatação da nossa mortalidade biológica.



Há pessoas que preferem obedecer por temerem assumir responsabilidades. Outras que obedecem para serem protegidas e poderem culpar os seus protetores nos fracassos da vida.

Em uma vida que se torna cada vez mais complexa, é difícil definir o que é estritamente necessário às pessoas. É fácil determinar as necessidades biológicas, como o alimento e a sexualidade para assegurar a sobrevivência. Mas, as necessidades psicológicas variam de indivíduo a indivíduo segundo as condições sociais. Os pobres sonham enriquecer e os ricos ambicionam ficar cada vez mais ricos.

A matemática é impotente para lidar com os seres vivos. A vida é infinitamente criativa e sua vocação é a multiplicidade e a variedade de todas as formas de vida.

Há, hoje em dia, uma tendência de superestimar a máquina em relação ao organismo. A ficção científica explora a possibilidade de, no futuro, o homem ser dominado por ela, tornando-se o seu escravo. É o domínio da criatura sobre o seu criador.

Há três estados da água: sólido, líquido e gasoso. Há algum deles “superior” ao outro?

O que fizemos não existe. O que pretendemos fazer não existe. Só existe o que estamos fazendo e enquanto fazemos.

O ser são os modos do seu mudar. Ele é o que subsiste em todas as suas mudanças.

Existir é aparecer. Quem não aparece, virtualiza-se. A aparência do ser é a sua presença. Sabemos que há o ser porque ele aparece, embora saibamos que ele não é a sua aparência: apenas uma seta que aponta para o infinito.

O nada é tudo o que está em potencial. O vazio é a percepção do que não vemos entre as coisas que vemos.

Somos operários que trabalham, na oficina do espaço e com as ferramentas do tempo, o nosso ofício de existir.

O homem é o único ser que inventa o próprio futuro.

O Estado, sob certos aspectos, é o sucedâneo do poder divino. E exige-se dele que seja onisciente, onipresente, onipotente, providência e previdência,

justiça e segurança, liberdade e obediência, prêmio e castigo.

O nacionalismo é uma paranóia coletiva com as suas alucinações de perseguição e grandeza. Mas, trata-se de uma enfermidade psíquica, induzida por líderes guerreiros, que, travestidos de defensores da pátria, investem na sua própria glória. O seu trono está assentado em uma pilha de milhões de cadáveres. Deus e pátria são pretextos para a matança indiscriminada de pessoas desde as mais remotas eras da humanidade. A fama dos matadores atravessa os séculos e serve de exemplo para o aparecimento dos líderes políticos e religiosos do presente, perpetuando a tradição de assassinos em nome da pátria e da religião.

Cultuamos somente os heróis guerreiros. Mas, precisamos de heróis que tenham contribuído para a paz social e a melhoria do ser humano em todos os seus aspectos.

Se as leis não se tornarem hábitos sociais, dificilmente serão observadas.

A percepção é uma decodificação personalizada de cada organismo. Assim, toda percepção é real para cada percebedor. A subjetividade e a objetividade não são completamente distinguíveis em cada experiência perceptual. O

contato com as outras pessoas é que nos dá a convicção de que nossa percepção é de natureza objetiva.

Só sabemos que não estivemos pensando quando voltamos a pensar.

A pior das rotinas é a rotina mental.

A angústia é a ameaça de acontecer o possível temido ou indesejável.

Há os que ensinam para aprender e os que ensinam para dominar.

Ser e estar nem sempre coincidem.

O progresso é uma estrada desconhecida.

A nossa liberdade interior nos permite ver, com lucidez, as limitações de nossa liberdade exterior. A mera liberdade exterior não nos permite ver o limite dessa liberdade, porque, interiormente, não nos libertamos das ilusões e dos condicionamentos que a nossa cultura nos introjetou.

Não há regras imutáveis e definitivas para a atividade cognoscitiva. Regras nada mais são do que ferramentas mentais, procedimentos bem sucedidos, mas que não esgotam a capacidade cognitiva do homem. Na verdade, o mérito não está no método, mas no homem que inventou o método.

Adaptar-se não é conformar-se. É tirar proveito em qualquer situação, o que não significa a prática de estratégias que ferem a dignidade e resultam em prejuízo para os outros.

Somos constituídos de padrões perceptuais comuns que são ativados por estímulos externos específicos. Temos um padrão interno do mundo e ele é a nossa realidade externa. No entanto, as influências culturais afetam as percepções e dão significados diferentes ao que é percebido.

Os nossos sentimentos em relação à prática de determinados atos são resultantes de nossos condicionamentos culturais. Eles são necessários à vida social por constituírem freios que controlam as ações tidas por indesejáveis dos seus indivíduos.

O caráter de uma pessoa é o conjunto de ações consideradas virtuosas e o mecanismo inibidor de ações consideradas perniciosas ao convívio social. O indivíduo que não foi condicionado a praticar ações eticamente recomendáveis e a não praticar aquelas

censuráveis e proibidas, é considerado um elemento pernicioso à sociedade.

A ausência de emoções ou a sua diminuta intensidade é a consequência do precário condicionamento social de certos indivíduos. Todas as suas ações são respostas instintivas às suas necessidades, frustrações e situações de perigo. Tudo o que ele fez, faz ou pretende fazer é destituído de conteúdo moral.

Vivemos mais ocupados com os outros do que imaginamos. Eles são nossos assuntos preferidos. Gostamos de observá-los e de ser observados por eles. Há até os que exageram nas suas exibições para serem vistos pelo maior número possível de pessoas e em todas as ocasiões possíveis.

Poucas são as coisas que fazemos anonimamente, pois queremos ser espetáculo para os outros e assistir ao espetáculo dos outros.

Será que haverá alguém que viva exclusivamente para si e nem sequer, por um momento, lembre a existência das outras pessoas?

Somos a resultante de nossas relações com os outros, porque, fundamentalmente, quase tudo o que fazemos está, direta ou indiretamente, relacionado com os outros.

As mudanças criam novas opções e as opções aumentam o nosso elenco de escolhas que, por sua vez, sofrem influências das nossas experiências anteriores.

Há pessoas que têm fascínio pelo terror e por fantasias, mitologias, teologias que o fazem “morrer de medo”. E são atraídas por tragédias (desde que aconteça aos outros), como acidentes, desmoronamentos, incêndios, enchentes. Elas se movem para esses lugares para se comoverem, mas nem todas, uma vez comovidas, movem-se para ajudar as vítimas. Outras apreciam os perigos, as diversas formas de violência, os escândalos, os boatos, as fofocas.

Temos a propensão de encontrar, para os nossos males, um culpado e um salvador. Este é o sustentáculo das religiões: sofrimento, culpado, redenção, salvação.

A satanização da riqueza é uma antiga estratégia religiosa para pacificar os pobres. E a santificação da pobreza para dar-lhes esperança de uma vida melhor depois da morte. No entanto, a pobreza muitas vezes gera a revolta e a inveja.

Os ricos, apesar de satanizados, não querem perder a riqueza. E os pobres, na sua maioria, não aceitam a pobreza, a menos que sejam anestesiados por promessas religiosas.

Os grandes guerreiros foram momentos patológicos da humanidade.

Parece que as pessoas quanto mais se sentem autônomas mais se tornam individualistas. Mas, nas calamidades, elas, geralmente, arrefecem seu individualismo e se mostram, em maior ou menor intensidade, solidárias para com as outras.

A complexidade gera a complexidade e essa sucessão de complexidades é indeterminada. A competição e a colaboração fazem parte do processo de complexificação.

Quanto mais cresce a complexidade de um sistema, mais aumenta a interdependência de seus elementos constituintes. A solidariedade se torna compulsória, necessária e, afinal, inconsciente. Habitamo-nos a cooperar e isso passa a ser um comportamento natural.

Quanto podemos perceber em um momento?  
Quanto tempo e espaço cabem em um momento?

A busca do eu é um mergulho no infinito. Cada eu empírico que descobrimos é uma casca que, se forçada, se rompe, fazendo cair, em queda livre, no vazio, até encontrar um novo chão, onde temos a impressão psicológica de que chegamos à nossa realidade última. Mas, se trata de outra casca ilusória



que, um dia, poderá romper e nos proporcionar uma nova queda e um novo chão, e assim indefinidamente.

Somos o que experimentamos, somos a nossa experiência e esta está a mudar a cada momento. Será que a experiência criou o núcleo de si mesma a que deu o nome de eu?

A cada segundo, imagens do que acontece em toda a Terra se propagam pelo espaço. São elas de duração indeterminada?

Espaço e tempo são o tecido infinitamente elástico do universo onde os corpos, segundo suas densidades, o deformam.

O que chamamos “senso comum” é o padrão lógico e comportamental de uma determinada cultura.

Nada é real em si mesmo: tudo é real nas conexões. Ou seja, somos enquanto estamos em conexão. É ela que nos dá a impressão de que temos um núcleo.

Não existe sujeito se não há uma relação com. O sujeito surge, não da existência do objeto, mas da relação com ele. O objeto se torna uma extensão do

sujeito, porque se constitui como emergência e reflexo do sujeito.

Na natureza, há processos reversíveis e irreversíveis, determinísticos e aleatórios, previsíveis e imprevisíveis, controláveis e incontroláveis, recorrentes e singulares, contínuos e descontínuos. Nada podemos fazer em relação a isso.

Nenhum fenômeno é ilusório: é apenas transitório. Os fenômenos são pulsações do real, embora o real permaneça incógnito na sua plenitude. Assim, os fenômenos são momentos transitórios da realidade perene.

Só podemos realmente dar, quando nunca mais precisamos do que demos. Quando damos aquilo de que ainda precisamos, ficará apegado ao que deu e, algum dia, será tentado a ter, de novo, o que deu. Assim, jamais dê qualquer coisa que, intimamente, você não pode dar, porque, de certo modo, ainda lhe é necessária.

A paz tem maior garantia de estabilidade quando os adversários se temem mutuamente, porque sabem que suas forças se equilibram, e a vitória de um deles é dúbia.

Não nos arrependamos do mal que fomos obrigados a fazer, nem nos vangloriemos do bem que praticamos. Evitemos o apego aos atos praticados.

A saturação de um determinado estado físico ou psicológico é o início de sua mudança. A saturação do prazer extingue o prazer. A saturação da dor extingue a dor.

Cada um quer o melhor para si. Cada um defende aquilo que julga ser seu. Cada um luta para obter o que pensa lhe pertencer ou merecer. São os egoísmos coincidentes que, provisoriamente, unem as pessoas.

Quem se deixa voluntariamente matar, a não ser pela defesa de um ideal, é cúmplice de seu agressor e, assim, também responsável pela sua morte.

O que não tem sentido, desde que repetido inúmeras vezes, começa a ter sentido. A necessidade de darmos sentido às coisas leva-nos a procurar significado em tudo o que acontece, mesmo que nos pareça desconexo, confuso.

A História é o passado coletivo de cada povo e da humanidade em geral, construída de fatos e de mitos que, em muitos casos, são indistinguíveis. Nem

todos os fatos podem ser comprováveis e muitos mitos parecem factíveis. Que importa a sua veracidade se são necessários à experiência humana?

Tudo o que é novo para nós, não é necessariamente novo. Pode ser um evento repetitivo, mas não reconhecido, porque, antes, não fora observado. A repetência pode apresentar-se sob diversas formas, dando-nos a impressão de novidade.

Se somos o que somos, por que nos revoltamos ou nos envergonhamos por causa disso? É melhor rirmos do que somos e do que a sociedade faz para nos tornar no que não somos.

São raras as pessoas que sabem o valor de cada dia.

Aprendemos, cada vez mais, a fabricar coisas. E o que pensamos saber é um pouco mais que isso.

Quanto maior o número de opções, mais confusos ficamos em nossa escolha. Cada escolha é uma espécie de destino. E não sabemos qual a escolha que realmente queremos.

Viver segundo o corpo. Por que não? O corpo é sábio. Nós somos quem o perturbamos com as nossas restrições sociais, morais e espirituais.

As religiões fizeram do corpo uma abominação, a prisão do espírito, a sede do pecado.

Já se disse muita doidice a respeito do corpo. E nos tentaram ensinar a viver segundo o espírito. Mas, o que é viver segundo o espírito? É desprezar o corpo, preocupando-se quase que exclusivamente com o espírito? É ver o corpo como se fosse algo estranho a nós?

Se não somos corpo, o que somos então? Estamos no mundo porque somos corpo e não apenas porque o temos.

O corpo é o nosso meio de agir no mundo. E também o nosso modo de pensar que somos espírito.

Se ficarmos calados a respeito do que seja a realidade, o que acontecerá? Por certo, a mesma coisa, se ficarmos falando sobre ela. A realidade não é um problema. Existimos. O mais são problemas que criamos para explicar o que não sabemos.

Sabemos fazer coisas para nos servir. Ou usamos animais e pessoas para colocá-los a nosso serviço. Por causa disso, inventamos as noções de útil e nocivo, de bom e de mau. Assim, só o que nos serve, é útil e bom.

A afirmativa de que ninguém é livre é tão insustentável como a esperança de uma liberdade

absoluta. Por mais oprimidos que estejamos, há sempre uma parcela, ainda que irrisória, para o exercício de nossa vontade.

Dizemos que o mundo é imperfeito porque ele não é como desejaríamos que fosse. O antropocentrismo é uma das nossas enfermidades mais invalidantes e pertinazes. Por isso, queremos mudar o mundo e adaptá-lo às nossas necessidades. É isso o que chamamos de progresso.

Toda e qualquer certeza é sempre para o agora e enquanto agora.

Difícilmente, há idéias originais. O que pensamos ser uma idéia nova é apenas um modo diferente de expressar uma idéia já existente.

É preciso aprender a conviver lucidamente com a nossa ignorância, principalmente se se trata de metafísica. Mas isso, não nos impede de participar do jogo que, com orgulho, denominamos de conhecimento. Assim, enquanto jogamos, desenvolvemos a nossa criatividade, inventamos estratégias e até mudamos as regras do jogo, quando encontramos outras mais satisfatórias. E o jogo do conhecimento é de tal modo envolvente que nos parece real. Na verdade, enquanto jogamos, ele é real.

Não temos objetivos prévios ao nascer. Os objetivos surgem das influências que recebemos do meio social em que vivemos, assim como das nossas características pessoais.

Estamos iludidos pelas palavras. Procuramos soluções para problemas que não existem. Tropeçamos em dificuldades lingüísticas e pensamos que elas dizem respeito à realidade. Mesmo a palavra realidade não define o seu conteúdo, a sua semântica. Aprendemos a jogar com as palavras, e com elas construímos nossas fantasias. O que existe além das palavras não pode ser verbalizado.

Todo titular do poder, seja ele uma pessoa ou um grupo, procura sempre manter-se no poder indefinidamente, qualquer que seja o regime, democrático ou ditatorial.

Uma sociedade, quanto mais homogênea, mais estagnada. A sociedade, na época contemporânea, é crescentemente heterogênea, exigindo do ser humano a convivência com o diferente. Quanto mais diversificada for uma sociedade, apesar e por causa da globalização, mais rica será como experiência humana.

Não podemos viver sem condicionamentos. O que, às vezes, podemos fazer é mudar certos condicionamentos, substituindo-os por outros.

Muito do que sabemos é o que pensamos que sabemos. A essa ilusão cognitiva Nicolau de Cusa denominou de “douta ignorância”.

O que não conhecemos, fantasiamos. E acreditamos que o que fantasiamos é conhecimento.

Há sempre o perigo de a força se disfarçar em verdade.

Quem sabe observar atentamente os fatos, não vai precisar da opinião dos outros para compreendê-los.

Multidão não é gente: é massa de carne não-pensante.

Toda fascinação é um risco porque é um anestésico da razão.

O conceito é a terra que criamos para sustentar o que pensamos.

O nosso modo de percebermos o mundo se torna sempre frustrante quando insistimos em



entendê-lo como coerente e inteligível em todos os seus aspectos.

Os sistemas filosóficos são mundos fechados e se sustentam por sua coerência interna. Na verdade, eles não explicam o mundo, porque são mundos em si mesmos, embora pareçam explicações para o mundo.

Para o equilíbrio social, dois excessos devem ser evitados: a intolerância e a inflexibilidade.

As religiões são as maiores fontes de mistérios. E subsistem por causa deles.

Justiça é a necessidade de compensação que uma pessoa sente quando se considera prejudicada. Isso acontece até com os animais. Os macacos, por exemplo, esperam retribuição pelo que fazem em favor do outro e se irritam quando não ocorre a reciprocidade.

Ninguém existe só para si. Ou só para os outros. Mas, o para si e o para os outros variam de proporção em cada caso concreto.

A normalidade é uma homogeneidade imposta. Uma igualdade artificial. Assim, o homem normal é aquele que é tido como igual aos outros. O diferente,

por isso, é hostilizado, discriminado, punido. A igualdade é uma invenção humana terrível e causadora de muitos males para a humanidade. É um solvente da individualidade.

O sentimento de estarmos certos nos proporciona uma relaxante anestesia. O pior é que podemos estar errados e, assim, é difícil quisermos abrir mão dessa agradável sensação de segurança.

A ética se imporá naturalmente se, um dia, o homem compreender que ela é fundamental e indispensável à sua própria sobrevivência.

Os dois maiores inimigos do homem: o fascínio do poder e a paralisia do medo.

Um prazer intenso pode produzir dor. E uma dor intensa pode provocar prazer.

Há orgasmos físicos e orgasmos espirituais. O êxtase é um orgasmo espiritual e pode ser um sucedâneo do orgasmo físico. Seja como for, o ser humano busca o prazer, optando pelo orgânico ou pelo espiritual.

Qual o espaço em que ocorre o sonho? Onde estão as imagens gravadas na memória? Em que parte do cérebro a memória está? Como podemos ver sem olhos, e que luz traz as imagens para a retina? E

de onde vêm essas imagens, se não as vimos na vigília e, portanto, não estão gravadas na memória? Como é que vemos imagens lá “fora” se elas são impressões luminosas, decodificadas pelo nosso aparelho óptico? Por que não as vemos “dentro” de nós, no mesmo “espaço” onde vemos os sonhos? Será que as imagens que vemos lá “fora” são alucinatórias? Por que, então, não vemos os sonhos quando estamos acordados?

E se a consciência for o fundamento da realidade? A substância da qual todas as formas se originam? O homem é a consciência que busca a sua própria observação. Observamos o nosso corpo, mas não observamos a nossa consciência que é o que tudo observa. Como podemos provar e medir a consciência se é ela que prova e mede tudo o mais?

O vazio é a virtualidade de todas as coisas ainda não acontecidas.

Como tudo está em transformação, o conhecedor só se conhece no momento e para o momento do ato do autoconhecimento.

A mente é uma estrutura informacional e, portanto, virtual dos organismos vivos e (quem sabe?) talvez das formações físicas ditas não-vivas. A mente é um programa que cria, desenvolve, mantém e

destrói todas as formas, possuindo, além disso, um elenco de indeterminável número de probabilidades.

A consciência, a cada momento, atualiza um potencial da mente, embora, na maioria, esses potenciais atualizados sejam rotineiros. Assim, o que chamamos de criatividade é a atualização de potenciais não-rotineiros. O que chamamos de inconsciente é a mente em sua potencialidade total.

A mente parece operar melhor em sistemas vivos, aumentando o seu grau de operacionalidade quanto maior for a complexidade de uma estrutura biológica. Mas, talvez seja possível que ela possua atuar em sistemas físicos inventados pelo homem como os computadores.

Como os indivíduos e as espécies são semelhantes ou diferentes, o grau de consciência varia em cada um deles.

A seleção é uma das leis fundamentais da natureza. Mas, as seleções, em alguns casos, podem ser equivocadas. As mutações, por exemplo.

A seleção também opera no mundo das idéias.

Amar é cuidar de alguém mais do que cuidamos de nós.

Compaixão é o sentimento de sofrer com o sofrimento dos outros.

Quem cria um sistema filosófico, constrói uma prisão para si mesmo. Não precisamos de sistemas que nos limitem. Bastam-nos as nossas próprias limitações.

Os que se mostram externamente diferentes quase sempre são apenas externamente diferentes.

Trabalho escravo é aquele que as pessoas fazem apenas por necessidade econômica. Assim, escravidão é sermos obrigados a fazer o que não gostamos e até o que odiamos.

Ninguém se livra da sensação de escravidão pela simples redução da jornada de trabalho. Apenas se sente menos escravo. Quem ama o que faz não se sente escravo.

Ser pobre é não ter o que se deseja na sociedade em que se vive. Quanto mais uma sociedade oferece coisas e serviços, mais cresce o desejo das pessoas de desfrutá-los.

A dificuldade crescente de se obter o que é oferecido e estimulado no processo consumista aumenta o grau de frustração e de revolta daqueles que se sentem socialmente excluídos. Eles são manipulados para se deixar fascinar pelo consumo e se tornam vítimas da propaganda veiculada pela mídia.

Nunca as pessoas tiveram tanto e nunca se sentiram tão pobres. Por isso, a frustração gera a

revolta e esta se transforma em violência, levando alguns indivíduos, que se sentem lesadas, à prática dos mais diversos tipos de crime.

Espaço é matéria extremamente rarefeita e que, por isso, nos dá a impressão de vazio.

É fácil tornar as coisas difíceis e confusas, e propor falsos problemas. A simplicidade e a lucidez são ininteligíveis para as pessoas comuns.

Há uma distância em que vemos melhor as pessoas. A compreensão do outro é instantânea quando encontramos o ponto adequado de observação.

Se a realidade é um sonho, quem é o sonhador?

Estamos essencialmente mortos quando a vida não mais nos surpreende.

É preciso encontrar, na continuidade do tempo, os vazios descontínuos que nos fazem sentir a eternidade.

Muitas pessoas e populações morrem como resultado de sua ignorância. Muitas catástrofes da natureza causariam um número pequeno de mortes se as pessoas da região atingida soubessem, com antecedência, do seu acontecimento.

Sob outro aspecto, a ignorância é uma das causas de tranqüilidade. Quem pouco sabe, pouco teme.

Há céticos que são crentes pelo avesso: crêem absolutamente na certeza de suas dúvidas.

Admito a existência de um mundo transcendental, que não é superior ou inferior ao mundo físico, mas diferente. Nem é um lugar de prêmio ou punição e, sim, uma forma de realidade que só podemos conceber por analogia. E a analogia é sempre enganosa.

Não há obsolescência do fato. Ele nunca envelhece, por mais antigo que seja. Não há fato desatualizado, fora da moda. Ele é indestrutível mesmo quando morrem todas as suas testemunhas. Nenhum argumento o invalida. Tudo o que se pode fazer é tentar explicá-lo ou ignorá-lo. A explicação é que pode ser falsa, o fato, não.

Só conhecemos realmente o que sabemos fazer. Além disso, todo conhecimento é suposto.

A imaginação são as asas do conhecimento. Algumas vezes, tem o destino de Ícaro, quando se embriaga pelo excitamento de seu vôo.

Mas, a imaginação também criou todos os horrores que afligem a humanidade.

A inteligência superior é, geralmente, para as pessoas comuns, uma espécie de loucura.

Não há como explicar a mente, porque ela é o fundamento de tudo, e é por ela que se explica tudo, menos ela.

Há religiões e sistemas políticos que procuram homogeneizar o mundo. Têm horror e ódio da diversidade, da multiplicidade. Por que um só rebanho e um só pastor?

O prazer de viver não tem finalidade, não tem explicação, não tem obrigação, nem utilidade. É algo que é, enquanto é e, por isso, não tem continuidade nem repetição.

O pecado mortal de uma sociedade é a desunião dos seus indivíduos.

Existem os ídólatras e os ideólatras.



Quanto mais se percebe, mais se conhece.  
Quanto mais se conhece, mais se percebe.

A liberdade é o instante que antecede as  
decisões, e morre no decidido.

Só há rotinas para quem não sabe descobrir as  
nuances do novo na aparência uniforme do habitual.

O livre-pensador é visto como um perigoso  
inimigo do rebanho humano.

O medo da perda é maior do que a perda. O  
medo da dor é maior que a dor. O medo da morte é  
maior que a morte.

Os sentimentos se vestem com os andrajos das  
palavras. Somente os gestos espontâneos os vestem  
bem.

O Deus teológico é pequeno demais como  
explicação para o universo.

Por causa das limitações da nossa estrutura perceptual, o universo, quase que na sua totalidade, é escuridão e vazio. A permanente ampliação tecnológica de nossa percepção não muda a sua qualidade intrínseca.

Quem se arroga de representante de Deus torna-se uma pessoa poderosa.

O esquecimento renova todas as coisas.

De que serve, a quem morreu, ser lembrado? Preparar-se para o esquecimento é uma arte.

A memória pode ser uma forma de escravidão, que não nos permite a liberdade de esquecer.

Meu corpo é o lugar no mundo onde me torno visível.

A realidade é o vento que atravessa incólume todas as gaiolas do conhecimento.

O sentimento de vingança é o efeito colateral da injustiça praticada contra nós.

Gradativamente, a tecnologia vem contribuindo para que o ser humano crie robôs à sua imagem e

semelhança. Se, um dia, os robôs se tornarem conscientes, adorarão o Homem como o seu Deus criador? Terá nascido uma nova religião, a religião das máquinas?

As coisas não valem pelo que são, mas pelo que elas significam para nós.

No maquinismo de uma sociedade coletivista, uma pessoa individualista é uma peça defeituosa.

Há idéias e ideais que se alimentam do sangue humano. Por causa delas, milhões de pessoas morrem, não de doenças e fome, mas das carnificinas decorrentes de guerras, guerrilhas e revoluções.

Os loucos mais perigosos são os líderes civis, militares e religiosos, acometidos pela megalomania do poder.

Quando somos livres, não há vitórias e derrotas, mas experiências.

Ninguém pode amar a humanidade. É humanamente impossível amar bilhões de pessoas que não conhecemos.

É uma fantasia o amor universal. Podemos sentir compaixão pelos que sofrem, sem, no entanto,

amá-los. Se sofrêssemos por todas as pessoas que sofrem, o nosso sofrimento seria permanente e insuportável.

Há pessoas que dizem confiar mais nos seus cães do que nos seres humanos. Em breve, começarão a dizer que confiam mais nos seus computadores do que nas pessoas.

O ser humano usa animais e agora fabrica robôs para lhe prestar serviços. Ambos são extensões biológicas e ferramentas tecnológicas do seu agir. A inteligência artificial é um inestimável adjutório da inteligência humana. Robôs agora são nossos serviços, escravos tecnológicos do progresso humano. Podemos dar-lhes quase todos os nossos atributos. Eles são nossos clones metálicos. Quem poderá prever o futuro de tudo isso?

É perda de tempo dialogar com alguém que pense emocionalmente. A emoção é contagiosa. A razão é asséptica.

O maior benefício que se pode prestar às pessoas é ajudá-las a pensar criticamente sobre tudo.

O fanatismo é democrático: contamina religiosos e ateus.

O Índex foi a Inquisição intelectual da Igreja, coibindo a liberdade de expressão e promovendo a queima dos livros que ela condenou, na ilusão de que as idéias também morressem na fogueira.

Em todos os sistemas, vivos ou não, os erros e as falhas estão, ao menos potencialmente, nos detalhes. Enquanto são mínimos, não afetem o desempenho dos sistemas. Mas, na medida em que vão se acumulando, começam a influir, gradativamente, neles, provocando instabilidades que podem levá-los ao colapso.

Temos ainda muito a aprender com a capacidade de sobrevivência dos insetos e dos microorganismos.

Já temos na Terra um inferno administrado por líderes endemoniados. E, para piorar a situação, as religiões ainda nos ameaçam com um inferno no Além.

Será que, um dia, teremos tempo e tecnologia suficientes para nos mudarmos para outro planeta habitável, antes que a Terra se torne inabitável para nós? Ai do planeta que escolhermos para o nosso lar.

Com o avanço gradativo da informática, seremos meros espectadores das nossas atividades, terceirizadas a computadores. É possível que, no futuro, os esportes e as guerras sejam tarefas realizadas por robôs.

A autobiografia pode ser um pretexto que as pessoas utilizam para construir seu próprio mito.

Por que precisamos ser ou ter heróis? Herói é aquele que consegue ser ele mesmo a cada momento. E, para isso, não necessita de aplausos.

Se nem sempre temos certeza de que amamos, como podemos estar certos de que somos amados?

Perdoar não é o bastante, mas, sim, esquecer o que foi perdoado, como se ele nunca houvesse acontecido. O que não é perdoável, não deve nunca ser esquecido, para que jamais possa acontecer outra vez.

Nunca esqueçamos aqueles que praticaram atos abomináveis contra a humanidade para que sirvam de antídoto, preservando a sanidade das gerações vindouras.

Temos muito a esquecer, além do já esquecido, para não sobrecarregarmos a memória com fatos que não nos são mais úteis.

Quem toma partido, em caráter definitivo, sobre qualquer assunto, priva-se de perceber o todo. Como pode a parte compreender o todo? Cada ponto de vista é necessariamente míope. E, quando pretende ser a única percepção verdadeira do todo, é definitivamente cego.

O sábio não é popular, e nem se preocupa com isso. Poucas são as pessoas que o entendem. O fato de ser citado não importa em ser compreendido.

Não há sabedoria popular, porque não existe povo sábio. Se todas as pessoas fossem sábias, haveria necessidade de governo?

Se tudo muda, não há conclusão definitiva para o que quer que seja.

O caminho de quem voa, não retém seus rastros.

O possível, enquanto possível, é imortal. Morre, porém, se acontecer. O fato é o possível que morreu.

A satisfação impede a ação. É o que nos falta que nos move.

O som, o odor e a visão são caminhos que nos levam à memória, de onde podemos colher lembranças esquecidas.

Andamos mais entre palavras do que entre coisas.

Somos seres ruminantes. O que são as lembranças, senão as ruminações da memória?!

Nada ou ninguém nos enfeitiça: nós é que nos enfeitiçamos pela nossa necessidade de beleza.

O sonho perde o seu encanto quando se transforma em fato. O fato é o cadáver do sonho.

A rotina afeta a percepção do mundo. As coisas são vistas como foram, não como são agora. Somos máquinas que andam, emoções e pensamentos repetitivos.



A substância de tudo é o vazio. Seres e coisas são invólucros transitórios do vazio. Erupções do vazio.

Mais do que a filosofia, é a poesia que me faz filosofar.

Quanto mais enriquecemos nosso mundo interior, menos precisamos dos bens do mundo exterior.

O Éden era o corpo que pensávamos ser o mundo. Nós o perdemos, quando descobrimos que o nosso corpo não era o mundo, mas estava no mundo.

Cada uma de nossas células sabe tudo sobre nós. Cada célula que morre, leva com ela o nosso mistério.

Qual a chave que abre a porta de todos os mistérios? Ou esta porta fechada não tem chave?

Não há nada mais solidamente presente do que a ausência do que foi amado.

O amor é o nosso holocausto, oferecido à pessoa amada.

O batismo verdadeiro é aquele que nos salva das ameaças do desamor.

Há uma eucaristia de idéias na comunhão dos diálogos fraternos.

O que nos mantém saudáveis é a fome diária de viver.

Do mais íntimo de nós, brota o que somos. É preciso vencer as tentações que ocultam nosso ser. Somos cegos enquanto não nos vemos, pois apenas vemos o que não vem de nós.

Como podemos ver claramente o presente, se os nossos olhos são influenciados pelo que vimos no passado?

Quem se sente livre, não pensa em liberdade.

A felicidade nos faz melhor. É um sentimento tão grande que nos afoga. E se expande para fora de nós sem que possamos contê-lo.

Se conceituarmos a virtude como a prática espontânea das normas sociais, podemos especular que ela, necessariamente, não traz felicidade, mas paz da consciência.

Há pessoas que, apesar de não-virtuosas, se sentem felizes, e não têm problemas de consciência.

Queremos saber como as coisas funcionam, não só pelo prazer do conhecê-las, mas também pelo poder de dominá-las.

Apesar da morte de milhões de pessoas, as guerras contribuem para o desenvolvimento da humanidade. Meio cruel, talvez não necessário, e difícil de evitar.

A paz é o intervalo entre as guerras e o período para a humanidade adaptar-se aos males sofridos e as conquistas tecnológicas delas decorrentes.

A tecnologia é quase sempre resultante das guerras. O conflito também favorece a criatividade.

É lei da natureza que o mais capaz, seja pela força física, seja pela habilidade, vença sempre o menos apto.

O que nos leva a socorrer o mais fraco contra o mais forte, contrariando essa lei?

Seria, porém, insensato sacrificar os fortes pelos fracos, pois isso redundaria em ameaça para a humanidade.

Como tudo está em permanente mudança, nem sempre a razão é confiável na tentativa de explicar os eventos aleatórios.

Quem faz o bem pelo bem que isso lhe faz, está exercitando o seu prazer, independente das conseqüências de suas ações.

Conhecimento é o nosso modo de organizar o mundo em seus mais diversos aspectos. Porém, nem sempre dá certo, e temos de reorganizá-lo.

Não há nada mais perigosos do que aquilo que nos lisonjeia.

Quanto mais nos obrigamos, mais diminuimos o espaço da nossa liberdade.

A religião para as pessoas infantis deve infundir-lhes medo a fim de que se ajustem às normas da sociedade.

O Juízo Final é terrorismo teológico. Apesar de sempre adiado, ainda assusta os religiosos.

As religiões inventaram um paraíso no Além. Por que não podemos criar um paraíso na Terra?

As religiões ensinam a perdoar. Dependendo do dano causado, é difícil, às vezes, perdoar uma pessoa.

A paixão é a emoção mais difícil para dialogar com a razão. Ela é cega, surda e profere palavras insensatas.

Tudo o que se extrema é substituído por seu contrário.

Façamos do que sabemos um rio. O saber é um líquido em movimento: nunca é sólido nem gasoso.

De nada precisamos além de nós. Tudo o que a nós se acrescenta, é peso desnecessário.

Além de nós, só o mistério. E esse é imponderável.

A nossa morte será a única perda que não sentiremos.

Se formos mortais, é sem sentido a discussão sobre a existência de Deus.

Nem tudo o que é lógico é verdadeiro. Nem sempre a emoção nos induz ao erro.

O mundo é percebido como eventos habituais ou inesperados. Somos atingidos por eles direta ou indiretamente. Então procuramos explicá-los como acontecimentos naturais ou como significados de conteúdo moral ou espiritual.

As circunstâncias objetivas e subjetivas podem, algumas vezes, mudar a nossa percepção e interpretação da realidade.

Muito do que nos acontece resulta do que acreditamos.

Se sofremos porque somos maus, então todos os seres vivos são maus, porque também sofrem.

O bem para todos é uma utopia.

A humanidade vem sobrevivendo até agora, apesar da obtusidade, da tirania e da corrupção dos governantes em todas as épocas da história.

Sem a confiança entre as pessoas, a sociedade não subsiste. Sem a confiança entre os povos, a humanidade está ameaçada.

É a solidão intelectual, que, muitas vezes, resulta em solidão física e poucas relações sociais.

A solidão física é de fundamental importância para o exercício da criatividade.

A solidão persegue quem se esconde de si mesmo.

Não há solidão total. De uma forma ou de outra, estamos em relação com o universo.

A solidão é, às vezes, uma necessidade. O momento de privarmo-nos temporariamente da companhia dos outros.

Fundamentalmente, não há ninguém que nos preserve contra a solidão. Pessoas, nesta circunstância, são analgésicos.

A solidão, na maioria das vezes, é angustiante para muitas pessoas. Não sabem ser íntimas de si mesmas. Temem estar sozinhas, porque se sentem desprotegidas.

As pessoas são tentadas a admitir que aquilo que é tido como certo por várias gerações é indubitavelmente verdadeiro.

Penso que, na maioria das vezes, a maldade resulta da infelicidade. Quem é feliz, dificilmente pratica uma ação que possa prejudicar alguém.

O Estado é um mal necessário. Talvez seja utópico dizer: por enquanto... No mínimo, é uma ficção duradoura.

Temos necessidade de ordem: é uma tentativa de compreender o universo. Talvez uma necessidade de segurança. A impressão de que se soubermos sobre as coisas, poderemos dominá-las. Mas, por outro lado, e paradoxalmente, temos um certo fascínio pelo caos, pela desordem, como forma de darmos férias ao habitual.

Apesar de ser uma condição de sobrevivência de todos os seres vivos, o egoísmo é combatido e desestimulado.

Presumimos que conhecemos com clareza os nossos amigos, apesar de sabermos que tudo é mutável.



Dá-se um valor exagerado à seriedade. A pessoa séria é tida como confiável e ponderada. Seriedade, para mim, é carência de bom humor.

A mentira tem múltiplas faces. A verdade, uma só. Então, por que é tão difícil encontrar a verdade?

É hábito jurar-se para garantir o que se diz. Mentirosos adoram jurar. A palavra de uma pessoa deve ser a garantia do que ela diz. O juramento, mesmo em nome de Deus, é uma fórmula mágica de se garantir que o que se diz tem o aval de Deus.

O presente é sempre a oportunidade de reinterpretar o passado e escolher as melhores opções para o futuro.

Costuma-se falar mal dos empresários como se fossem pessoas que têm um só objetivo: enriquecerem cada vez mais. No entanto, sempre houve mecenas, que utilizaram parte de seus recursos para incentivar a cultura em suas variadas manifestações.

As pessoas geralmente temem a velhice por medo da solidão.

Não há ser, nem vir-a-ser, nem dever ser. Tudo é sendo.

Assim é o ser humano: em tempos de paz, preocupa-se com a guerra, em tempos de guerra, anseia pela paz.

O amor não tem utilidade. Para que serve o amor? E, no entanto, necessitamos dele, apesar de sua inutilidade.

Em nenhuma época da história existiu a igualdade entre as pessoas. Sempre houve, e sempre haverá, os que mandam e os que obedecem, sob as mais diversas formas nas relações interpessoais.

Os ricos de todos os países falam uma só língua. Os pobres falam vários idiomas e dialetos. Como podem os pobres se entender?

As crenças religiosas são hipóteses definitivas. As hipóteses científicas são crenças provisórias.

Os países se dizem vítimas de outros países. Cada um escreve sua história. Porém, a história mais sedutora é a dos países vencedores.

Quem escreve de forma confusa é porque não sabe expressar o que pensa, ou porque quer parecer

profundo, ou porque não sabe o suficiente sobre o que escreve.

As revoluções sociais, mesmo as que fracassam, sempre mudam, de certo modo, a percepção das pessoas sobre a realidade.

A forma patológica da liberdade é a liberdade sem responsabilidade.

O que será de nós se, um dia, nada mais tenhamos a descobrir ou a inventar?

É nas tragédias que a verdadeira face de cada pessoa se revela.

Por que chorar pelo cadáver do passado? Para que o luto inútil pelo que passou?

Não fomos destinados para a felicidade ou a infelicidade. As circunstâncias e o nosso modo de lidar com elas é que nos fazem felizes ou infelizes.

Somos livres porque podemos fazer o que não queremos e não fazer o que queremos.

Se o nada existe, ele não existe.

O verdadeiro átomo é o infinito, porque o infinito é indivisível. Do infinito é que são criadas permanentemente todas as coisas. Cada singularidade é um universo em potencial, uma semente que, após seu *big-bang*, cria o seu próprio tempo e seu próprio espaço.

Somos cegos em relação ao presente, míopes em nossa avaliação sobre o futuro e amnésicos da quase totalidade dos fatos ocorridos no passado.

Vivemos em um mundo que desconhecemos graças à confortadora ilusão de que o conhecemos.

Se pouco sabemos sobre nós, como podemos conhecer quem os outros são?

Há casos em que a excessiva erudição fermenta gases epistemológicos em razão da deficiência digestiva do bolo informativo.

O perigo para quem lê demasiadamente é a falta de tempo para pensar.

Conhecemos somente o que se repete e, assim mesmo, nem sempre o conhecemos plenamente.

Quanto mais luxo, melhor. É uma antiga obsessão da humanidade, que acomete quase sempre as pessoas ricas. Ter tudo não lhes basta.

Se não sabemos qual dos eventos previsíveis acontecerá, como podemos evitar os imprevisíveis?

O gênio é a síntese e o vetor da experiência humana e que se manifesta, nos mais diversos setores, em determinados momentos da História. Já os seres menos aptos serão sempre o refugio da evolução: por isso, há pouco o que fazer com eles e por eles.

Há duas impulsões básicas na natureza: a cooperação e a competição. A guerra é a forma extrema da competição. Será que é possível extingui-la, substituindo-a por outras formas menos danosa de competição?

Soldados desfilando em tempos de guerra são como bois futuros indo em direção ao matadouro.

Há pessoas que, não conseguindo explicar um acontecimento insólito, procuram negá-lo e esquecê-lo. Não gostam dos fatos que só acontecem uma vez.

O que torna não confiável a História é a descrição e a interpretação dos fatos, assim como a real intenção de seus personagens mais famosos e influentes.

Quem não tem problema, tem problema.

O que seria uma civilização utópica onde todos fossem felizes?

O sofrimento tem uma função defensiva e transformadora. A dor nos compele a agir e, em alguns casos, a ação pode ser criadora.

A felicidade, em certos casos, pode ser inercial, impedindo a ação transformadora. Se fosse contínua seria anestesiante. A dor, em certos casos, é o tempero da vida.

Os sofrimentos passados se tornam experiências e galardões. Quem não gosta de contar as dificuldades que experimentaram, os desafios que enfrentaram, as dores suportadas e superadas? Os sofrimentos, sob esse aspecto, são nossos galardões subjetivos.

A ambição é que promove as mudanças. Em excesso, é prejudicial.

Precisamos de desafios que estejam à altura de nossas capacidades. O desafio é uma ação direcionada a determinado fim. Dele necessitamos como o ar que respiramos.

Até o prisioneiro tem o seu objetivo: fugir da cadeia.

A vaidade tem a sua utilidade: desenvolve a auto-estima. É seu excesso que causa aborrecimento nos outros.

Nem sempre é possível conciliar mérito e modéstia. O mérito geralmente adula a vaidade. Costuma-se louvar a modéstia como um indicativo de pessoa superior e que, por isso, não se envaidece com o seu talento. As pessoas sinceramente modestas nunca dizem que o são.

As pessoas exageradamente vaidosas sofrem de incurável miopia: não conseguem perceber além de si mesmas.

Aprendamos a conviver com o contrário e o diferente. Se tudo fosse como somos, o mundo seria uma insuportável monotonia.

É o cético capaz de duvidar da sua dúvida? Se ele tiver certeza de sua dúvida, já não duvida de tudo.

Somos um ser situado, a cada momento, em determinado lugar e sitiado pelas circunstâncias que nos afetam.

O fato é tudo aquilo que nos afeta e tem significado para nós.

Deus: um mistério ou uma fábula? Como mistério é ininteligível; como fábula é irrelevante.

Nem tudo o que é possível é útil. Às vezes, é pernicioso.

As relações humanas se deterioram quando se transformam em relações comerciais, cuja finalidade é o lucro.

Não raro as previsões sobre o comportamento do mercado são menos precisas do que os conselhos de quiromantes, cartomantes e videntes.



As coisas surgem de algo eterno (criação), modificam-se segundo as circunstâncias (evolução) e retornam ao algo eterno de onde vieram. E este ciclo continua eternamente.

O presente não tem tamanho. Por isso, só percebemos uma ínfima parte dele. E, assim mesmo, o que percebemos é afetado pela cultura em que vivemos e por nossas experiências pessoais.

A igualdade é uma utopia. Somos todos semelhantes e diferentes, nunca iguais. Cada ser humano é único. Não fomos criados em escala industrial.

Somos um ser à procura do outro. Por mais que neguemos o outro, ele continua presente em cada negação.

O núcleo de tudo é um turbilhão, um caos sempre ativo que gera, em sua superfície, a tranqüilidade da ordem.

Compramos mais símbolos do que coisas. A coisa, em si, não vale, se um símbolo a ela não se incorpora. O símbolo coisificado é que confere status ao seu possuidor.

Progresso é o nome que damos à nossa voracidade de fazer e de consumir coisas. O consumo e o lucro são os deuses do panteão da modernidade.

Não apenas a necessidade, mas também a curiosidade é a mãe de todas as descobertas e inventos.

O Estado é o engessamento da dinâmica social. Sua essência é o conservadorismo, as tradições e a preservação do poder. E, em certas circunstâncias históricas, o sucedâneo profano de Deus.

Só o amor e a felicidade podem proporcionar a paz ao mundo. Ninguém é violento quando ama e está feliz. Mas o desamor, a infelicidade, a ambição guindadas ao poder são obstáculos que impedem a paz no mundo.

As mais diversas circunstâncias podem aprisionar o nosso corpo ou nos aprisionar a ele. O importante é que, interiormente, permaneçamos livres.

O sofrimento faz parte da vida. Por isso, não há como eliminá-lo. O que podemos é minimizá-lo,

dependendo do modo como lidamos com ele. Não há anestesia geral permanente para o sofrimento de todos os seres da Natureza. Quanto mais vivemos, mais estamos expostos ao sofrimento.

Há pessoas cujo sofrimento as torna insensíveis. É o calejamento psicológico decorrente do sofrimento recorrente. Existem também aquelas que conseguem extrair prazer de suas dores. São os masoquistas, historicamente representados por mártires e flagelantes, que esperam uma recompensa no Além pelo seu sofrimento voluntário ou não. E ainda as pessoas que sofrem pela vaidade de provar ao mundo a sua têmpera.

Quem deixou de sonhar, já morreu e não sabe. Cada sonho é uma semente do acontecer.

É no tempo que fabricamos as nossas ilusões, tecemos os nossos sentimentos e procuramos soluções para as nossas fantasias. O tempo é a argila e somos os oleiros. Assim, o que é construído com a argila é da responsabilidade do oleiro.

Somos seres temporais, e polemizamos sobre o que é o tempo. Há um tempo objetivo. Há um tempo subjetivo. E estamos confusos na tentativa de compreendê-los. Talvez sejam as duas faces de uma mesma moeda.

É comum as pessoas falarem em passar o tempo, em matar o tempo, como se fosse algo

incômodo, quando nada sabem fazer com ele. E há aquelas que não sabem utilizá-lo proveitosamente e se lamentam da rapidez como, na sua percepção, o tempo passa.

Não entendo que a criação, sendo o ato de amor de Deus, resulte em um ato de sacrifício da Divindade, e que esse sacrifício se perpetue em cada criação. Qual a razão desse sacrifício continuado? Por que não seria um ato de prazer, de permanente prazer? Não vejo razão para esse masoquismo divino.

O trabalho é sempre lazer quando se faz o que se ama.

A experiência tem demonstrado que direito de herança é uma fonte de conflito na família, ensejando ódios, agressões, assassinatos.

A vaidade é um prazer psicológico, provocado pela carícia do elogio.

Vaidade é erotismo intelectual, sensualidade do espírito, escravização do homem às seduções do aplauso.

O vaidoso é submisso ao bajulador, porque este o leva à excitação narcisística e ao orgasmo intelectual.

Há um tipo de vaidoso que redige o seu epitáfio.

O vaidoso não gosta de ser tido por vaidoso. A modéstia é o seu disfarce preferido.

O vaidoso também diz: não importa o que sou por fora, mas o que sou por dentro. Ele quer mostrar o seu valor, mesmo que este seja invisível.

Nada mais fere um vaidoso do que o desprezo, o ridículo e a indiferença.

Falar a verdade, em alguns casos, pode ser inconveniente ou até perigoso.

O fato de que, um dia, morreremos, não nos deve impedir de usufruir cada dia da nossa existência.

Jamais alcançaremos o núcleo do nosso ser, mas apenas o turbilhão incessante de nossas experiências mais profundas, porque o verdadeiro núcleo do que somos é o infinito.

Ninguém tem o dever ou o direito de ser feliz. A felicidade é uma experiência que nos acontece nas mais diversas circunstâncias.

Quem deseja o que não pode, é infeliz. Quem deseja o que pode, mas ainda não o conseguiu, também é infeliz, porque vive ansioso nesta espera. O desejo e a esperança são, na verdade, a mesma coisa.

A felicidade é uma experiência que independe da qualidade moral de cada pessoa. Os bons e os maus podem ser felizes ou infelizes, segundo as circunstâncias.

Ser feliz não é apenas a arte de usufruir os momentos de felicidade, mas também a consciência de que, em algumas situações, podemos ser privados dela, ao menos temporariamente.

Quem acredita que a verdadeira felicidade só existe no Além, está perdendo a oportunidade de se sentir feliz na vida terrena.

A sabedoria é casuística, porque se exerce em cada circunstância do nosso existir.

A sabedoria é incompatível com a maldade. Quem é mau, jamais será um sábio.

Conhecimento e sabedoria poucas vezes coincidem.

Se houver sobrevivência, quem for para o Céu não terá mais fé, esperança e caridade, porque a fé transformou-se em fato, a esperança de salvação perdeu seu sentido, e a caridade passou a ser inútil porque todos os seres celestiais gozam de uma felicidade eterna.

É na mais densa escuridão que podemos contemplar a beleza da luz.

Os historiadores deveriam relatar apenas fatos confiáveis, não presumir intenções de personagens históricos e, muito menos, afirmar o que eles literalmente disseram em determinados acontecimentos importantes.

Há historiadores ingênuos, levianos e desprovidos de senso crítico. Repetem, como papagaios, o que historiadores mais antigos relataram.

Se não podemos sempre acreditar em fatos ocorridos no nosso tempo, como podemos acreditar piamente em supostos eventos acontecidos há séculos e milênios?

Se vencêssemos sempre, as nossas vitórias se tornariam triviais e perderiam, cada vez mais, o seu sabor.

Quem não teme errar, não se abala com os seus erros. O desejo de sempre acertar é uma forma de neurose, produzida pelo medo de errar.

Os economistas são os videntes modernos. E, como os do passado, raramente acertam em suas previsões.

O cético dogmático é aquele que tem certeza de sua dúvida. Duvidar da dúvida é a forma mais elevada do ceticismo.

Quanto maior é a complexidade de um sistema, mais ele é instável e imprevisível.

Não é que queiramos ser humildes. É a consciência da nossa ignorância que nos humilha.

O excesso de informação não nos enriquece. Ao contrário: empobrece a nossa capacidade de compreensão.



Os ateus não acreditam em Deus e se empenham em convencer os crentes de que Ele não existe. Por que se preocupam com isso? Afinal, o problema é dos outros. Pelo jeito, os ateístas querem salvar os crentes da ilusão de Deus. Não é isso uma forma de proselitismo, o proselitismo ateu?

A explicação é um sedativo para aliviar temporariamente o sofrimento de nossas incertezas.

Se, um dia, o comportamento das máquinas se tornar imprevisível, elas serão semelhantes ao ser humano.

Às vezes, um só indivíduo pode mudar o destino de seu país e até da própria humanidade.

Não podemos compreender, pela lógica, as outras pessoas. Nem mesmo sequer a nós mesmos. Não raro, mudamos de idéias e de ideais de forma surpreendente e até radical. Como podemos prevenir-nos?

Nem tudo o que é percebível é percebido. A multidão de fatos e coisas nos passam despercebidos. O que nos interessa seleciona o que percebemos.

Saudade são as cinzas de tudo o que foi amado.

É uma ilusão pensarmos que podemos compreender os outros. Nem sequer conhecemos a nós mesmos.

Às vezes, assustamo-nos com algo que fazemos. É porque mudamos, e não sabíamos que tínhamos mudado.

O interesse comum é o fundamento da amizade.

Heróis e anti-heróis nos fascinam, porque fazem coisas extraordinárias. Eles são super-homens, lutando em campos opostos, no eterno embate dos contrários.

O “pecado original” é a perda da espontaneidade que tínhamos na infância. É a “queda” no estado condicionado do adulto.

A razão é imune. A emoção contagia.

Sabemos, geralmente, o que fazer com o dinheiro. Mas não sabemos o que o dinheiro pode nos fazer.

Acumular amigos é mais importante do que acumular riquezas. Amigos não têm preço, e a morte de um deles é uma perda irreparável.

Muitos vivem preocupados com a riqueza e os meios mais eficazes de obtê-la. Aliás, esse é o único objetivo de suas vidas.

A riqueza é ilusória, embora cause a impressão de que é a forma mais eficaz para se ter felicidade.

Normalidade é uniformidade, que padroniza o comportamento dos indivíduos na sociedade. Quem quebra o padrão é tido por alienado social.

Se tudo se originou de um Acaso, foi Ele o criador de tudo. Se tudo está em permanente mudança, produzindo, como consequência, eventos imprevisíveis, contrariando a ordem aparente das coisas, então o Acaso continua intervindo no universo que Ele criou. O Acaso, portanto, existe e é criador e mantenedor de uma seqüência ilimitada de impossibilidades, disfarçada pela máscara ilusória de uma ordem constituída de repetências a que damos os nomes de leis da natureza. Apesar disso, muitos

cientistas acreditam na ordem universal, apesar das intervenções do incômodo Acaso.

O Acaso, assim, se tornou um sucedâneo de um deus que não existe e, por isso, não criou o mundo e nem nele intervém. Por causa do Acaso, vivemos em um universo de ordem ilusória, mas que nele se crê apesar de suas eventuais inconseqüências.

Quebrar a rotina periodicamente é uma forma de se experimentar a sensação de liberdade. A rotina é o nosso modo seguro, embora inconsciente, de funcionar nas situações habituais da vida. As experiências novas nos dão a consciência de que não somos uma máquina de carne. A criatividade resulta da ruptura da nossa atividade habitual.

Vício é tudo o que nos domina. É a compulsão para a prática de um ato que, por sua recorrência, se torna, afinal, irresistível.

A riqueza pode tornar-se um vício, quando jamais satisfaz o viciado, que se sente impulsionado a ficar cada vez mais rico.

A lógica é um sistema fechado, coerente e previsível. Por isso, não funciona no mundo real onde tudo está em permanente mudança.

A amizade é um hábito afetivo que se reforça pela convivência.

Na multidão não há ninguém. Somente quando estamos só, é possível sermos nós.

Quem algo permite aos outros, perde o permitido e um pouco de si mesmo.

A tecnologia apenas aumenta o poder de agir do ser humano, mas não o torna melhor.

A credulidade fragiliza. O ceticismo fortalece. O crédulo é ridicularizado. O cético é temido.

Não há futuro sem surpresas.

O autômato cada vez mais se parece como um clone do ser humano.

Quanto mais uma sociedade cresce demograficamente, maior se torna a complexidade das relações interpessoais, o que facilita o desgaste da imagem pessoal de cada indivíduo. A multidão concorre para a perda gradativa da identidade e a dura sensação do anonimato. Daí a necessidade que têm as pessoas de procurarem ou criarem grupos que

satisfaçam as suas preferências e onde elas possam recuperar a sua identidade, passando a ser conhecidas e reconhecidas. Porém, à medida que um grupo social cresce, mais aumenta a possibilidade de conflito interno, luta pelo poder e desligamento dos dissidentes que, por sua vez, procuram formar um novo grupo. É como se cada grupo tivesse um tamanho ideal, não podendo ultrapassar esse limite. Quanto menor um grupo é, mais solitários são os seus indivíduos e mais valorizados eles se sentem. Ao contrário, a sociedade, como um todo, minimiza as pessoas, favorece conflitos que são combatidos pelos instrumentos legais, e é dirigida por um grupo de pessoas poderosas como políticos e empresários.

Matar ou morrer em nome de Deus é a mais perigosa de todas as psicoses coletivas da humanidade.

Não há loucura mais perigosa do que aquela que acomete as pessoas que pensam e se dizem inspiradas ou guiadas por Deus, e se proclamam “salvadores” da humanidade. Os “possuídos” por Deus jamais se curam dessa possessão.

A ciência tem um dogma ou axioma: o de que a razão, utilizando a metodologia científica, poderá, um dia, conhecer integralmente a realidade, podendo assim controlá-la e modificá-la. A razão é um Deus emergente que, na aparente caoticidade da natureza,

procura descobrir leis ou inventá-las. A fé descobriu Deus, e a razão quer se fazer Deus.

Certas pessoas disfarçam sua ferocidade sob o pretexto de zelo religioso, e justificam as ações que praticam contra seus inimigos, afirmando que eles são inimigos de Deus. Por isso, as “guerras santas” não produzem sentimentos de culpa, e transformam fanáticos em heróis e mártires, além de agraciá-los com sedutoras recompensas no Além.

Um herói é quase sempre um guerreiro, um homem que ergue sua glória sobre um monte de cadáveres.

Os chamados grandes homens nem sempre são como parecem, quando melhor observados.

O cientista quer conhecer a natureza para subjugar-la. O religioso quer conhecer Deus e a Ele submeter-se. O cientista quer prever e evitar as ações da natureza que ele julga prejudicial à humanidade. O religioso quer conhecer previamente as manifestações divinas para preparar-se para elas ou tentar, pela oração, não ser atingidas por aquelas que possam feri-lo de uma maneira ou de outra. Ou simplesmente pedir que lhe seja dado o dom da resignação.

A heresia é uma invenção dos teólogos para estigmatizar as pessoas que não acreditam no Deus que eles inventaram.

Felizmente, o ateu não mata ninguém em nome de Deus. Se todas as pessoas fossem atéias, ninguém mataria ou morreria em nome de Deus, mesmo que Deus existisse. Elas matariam ou morreriam, porém por outros motivos. Ou seja: as pessoas são as mesmas, quer acreditem ou não acreditem em Deus.

Quando algo de ruim acontece a um ateu, os crentes declaram que foi castigo de Deus. Mas se o mesmo ocorre com um crente, eles afirmam que foi a vontade de Deus.

Os religiosos acreditam que tudo mal que nos afeta resulta de castigo de Deus, do destino, ou de conseqüências de vidas passadas.

O que tem a crença pessoal em Deus com o delírio do fanatismo religioso e com as mitologias inventadas pela religião? As religiões podem ser, ao contrário, um antídoto contra a crença em Deus.

A ciência não é apenas um processo evolutivo, mas também revolucionário. A sua rota é feita de confirmações cumulativas, mas também de mudanças restritivas e invalidações traumatizantes. A



embarcação cognitiva navega em calmarias e tempestades.

Os inimigos, numa guerra religiosa ou “guerra santa”, crêem que Deus está ao seu lado. Quem venceu, no passado, a guerra santa entre cristãos e muçulmanos? Quem vencerá essa nova luta?

Somente os soldados do lado vitorioso que morreram ganharão o Paraíso? Os que foram derrotados, por certo foram para o Inferno, porque se enganaram pensando que Deus estava a favor deles.

Os sobreviventes de uma tragédia crêem que Deus os salvou. Julgam-se, assim, pessoas privilegiadas. Mas, e as que morreram? Eram pecadores e mereceram essa punição?

Quando as religiões são levadas ao fanatismo pela intolerância de seus líderes se transformam em vírus de alta periculosidade que infeccionam o mundo, vitimando as pessoas que não são adeptas de sua doutrina.

É mais fácil acreditar em Deus pelo conhecimento científico do que pelo ensino religioso.

Como pode ser feliz uma pessoa que vive permanentemente receosa de ser condenada ao inferno por causa de seus hipotéticos pecados?

Há pessoas que fazem o bem, pensando na sua salvação e recompensa no Além. Há pessoas que matam e se matam em nome de Deus para receberem o prêmio de, após a sua morte, residirem definitivamente no Paraíso. E, se Deus não existisse, elas agiriam assim?

Deus, religião e pátria não passam de pretextos para o domínio de tiranos sobre seus povos.

Eles são ventríloquos que fazem seus bonecos – Deus, religião e pátria - dizerem o que eles querem.

Não precisamos ser religiosos para agirmos corretamente. Se assim o fosse, todos os religiosos agiriam corretamente, e os descrentes não.

Se tudo o que acontece no mundo é pela vontade de Deus, então o homem e o diabo, caso ele exista, nada mais são do que instrumentos da volição divina e, por conseguinte, isentos de qualquer responsabilidade pelos atos praticados. Mas, se algumas coisas más acontecem com a permissão de Deus, então ele é cúmplice das maldades praticadas pelos homens e pelos hipotéticos diabos.

Deus, apesar dos teólogos, é uma inesgotável fonte de inspiração poética. E o melhor modo de fazer variações sobre Deus é não temer os paradoxos.

O *algo maior que tudo* surge, quase sempre, nas experiências mais dramáticas do ser humano, desde o êxtase ao extremo sofrimento. Deus é a experiência suprema. Mas a idéia de Deus pode ainda resultar de especulações metafísicas e racionais. É a mais exasperada tentativa de significação para o universo e de tudo o que existe.

A revelação de Deus no homem é sempre uma experiência pessoal, despertando um sentimento de unidade com tudo o que existe. A intelectualização desta experiência é que resulta na permanente criação de religiões, com seus dogmas e rituais, segundo as idiosincrasias de cada pessoa que se julga o seu intérprete.

Deus tem sido motivo e pretexto para guerras e matanças. A crença em Deus não uniu os seus crentes. Pelo contrário. Quem mata em nome de Deus, não sente remorso, porque acredita que está fazendo a vontade de Deus. Matar o infiel, portanto, não é crime, mas um dever. Ou crês ou morres. E se seu Deus é diferente do meu, o seu Deus é falso, e porque você acredita num Deus falso, deve morrer.

Muitas pessoas acreditam que nada acontece por acaso. Acontece, sim. Elas é que não se conformam com o acaso, porque ele atenta contra o sistema de crenças baseado na causalidade. Querem

aprisionar o acaso nas grades das leis da natureza. O acaso as torna inseguras, porque elas ainda mantêm bem viva a presunção de que o ser humano é a coroa de toda criação.

Todos os que matam em nome de Deus e pela religião que o cultua, será recompensado depois de sua morte. Quem nisso crê, jamais se considerará um assassino.

Quando algo de bom acontece às pessoas, elas dizem que Deus é bom. Mas, quando se trata de algo mau, elas, com receio de dizer que Deus é mau, consolam-se afirmando que ele as puniu por causa de seus pecados.

Uma pessoa é confiável só porque acredita em Deus? Uma pessoa não merece confiança só porque não acredita em Deus?

Pensar em Deus é reduzi-lo ao tamanho de quem nele pensa.

Certos líderes religiosos fazem mais mal à religião do que os ateus.

Porque somos mortais, podemos morrer em decorrência das mais variadas causas. Nenhuma

delas resulta de um castigo de Deus por mais dolorosa que ela seja.

Se todas as catástrofes do passado eram atribuídas à ira de Deus, então as calamidades que ainda acontecem no presente são uma evidência de que Deus continua irado.

A política e as religiões, utilizando os recursos da tecnologia, poderão tornar o mito do Apocalipse em realidade.

Por que fazemos o bem? Para sermos tido como boas pessoas? Para obtermos a salvação, porque nos julgamos um pecador. Para obtermos uma recompensa no Além? Ou porque simplesmente fazer o bem nos faz bem?

O que pensamos ser a vontade de Deus é, na verdade, a nossa vontade. Deus é o pretexto inconsciente de realizarmos o que desejamos.

As religiões pregam que os seres humanos estão perdidos e, por isso, necessitam de salvação. O sofrimento e a morte não são evidências de que estamos perdidos, porque isso acontece com todos os seres vivos. Então, eles também estão perdidos e necessitam de salvação. Precisamos explicar-nos por que sofremos, e acreditamos que foi por causa de

pecados anteriores, seja dos nossos pais, seja de vidas passadas, e até mesmo para a glória de Deus.

Se Deus não existe ou está morto, por que os ateus se preocupam tanto com ele?

Somos os únicos seres da natureza que nasceram com a aptidão de se superar.

## **SOBRE O AUTOR**

**Valter da Rosa Borges é Procurador de Justiça (aposentado) do Ministério Público de Pernambuco.**

**Foi professor de Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco e de Direito Civil da Universidade Católica de Pernambuco.**

**Fundou o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas e a Academia Pernambucana de Ciências.**

**Publicou 19 livros (3 em co-autoria), versando sobre temas ligados à parapsicologia, poesia, filosofia e religião.**

**Para conhecer as atividades do autor, acesse o site:**

**[www.valterdarosaborges.pro.br](http://www.valterdarosaborges.pro.br)**